

**MORFOLOGIA E APROPRIAÇÃO DE  
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: O CASO DO  
AÇUDE VELHO EM CAMPINA GRANDE – PB**

**YURI VIEIRA BRANDÃO FERREIRA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE TECNOLOGIAS E RECURSOS NATURAIS – CTRN  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – CAU  
YURI VIEIRA BRANDÃO FERREIRA

**MORFOLOGIA E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS:  
O CASO DO AÇUDE VELHO EM CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Campina Grande, como  
requisito necessário para a obtenção do título de  
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Normando M. Barros  
Filho.

CAMPINA GRANDE/2020

F383m      Ferreira, Yuri Vieira Brandão.  
Morfologia e apropriação de espaços livres públicos: o caso do Açude Velho em Campina Grande - PB / Yuri Vieira Brandão Ferreira. - Campina Grande, 2020.  
104f. : il. Color.

Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2020.  
"Orientação: Prof. Dr. Mauro Normando Macedo Barros Filho".  
Referências.

1. Morfologia Urbana. 2. Vitalidade Urbana. 3. Apropriação. I. Barros Filho, Mauro Normando Macedo. II. Título.

CDU 711.61(043)

Trabalho de Conclusão de Curso "MORFOLOGIA E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: O CASO DO AÇUDE VELHO EM CAMPINA GRANDE, PB", foi apresentado por YURI VIEIRA BRANDÃO FERREIRA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 17 de AGOSTO de 2020

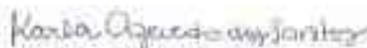
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. MAURO NORMANDO MACÊDO BARROS FILHO  
Orientador - Presidente



Prof. Dr. DEMÓSTENES ANDRADE DE MORAES  
Examinador interno



Prof<sup>a</sup> Me. KARLA AZEVEDO SANTOS  
Examinadora Externa

“A vida em bons espaços públicos é parte importante de uma vida democrática e completa.”

**Jan Gehl**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a **DEUS**, por ter me dado o Dom da Vida e forças durante esta jornada chamada graduação, além disto por colocar em minha caminhada durante estes meus 24 anos pessoas abençoadas, que me auxiliaram e vivenciaram ao meu lado momentos ímpares, que me fizeram crescer enquanto ser humano.

Aos meus pais, **Franciraldo Brandão Ferreira** e **Ana Lucia Vieira da Costa Brandão**, por sempre apoiarem os meus sonhos e objetivos desde criança, dando o máximo que podiam para me manter estudando, bem como indo e vindo diariamente para UFCG, em Campina Grande. Sem seus esforços jamais conseguiria conquistar o título de Arquiteto e Urbanista.

À minha irmã, **Rayssa**, pela ajuda na escolha da profissão e moral nas decisões acadêmicas e a **Thiago** pelas conversas sobre a Arquitetura e a Engenharia.

À minha irmã mais nova **Ana Mariza**, pelo incentivo e crença na minha pré-disposição à profissão Arquiteto e Urbanista.

À minha namorada **Letícia Lira**, por estar sempre ao meu lado me apoiando, pela compreensão, paciência, carinho e cada palavra dita durante os momentos mais difíceis desta caminhada. Você foi fundamental em todo este processo de graduação.

Aos meus avós maternos **Maria do Carmo** e **Manuel Pereira** (*in memoriam*), que foram fundamentais na construção do meu aprendizado e exemplo de persistência e fé.

À minha avó paterna **Marisa Brandão** (*in memoriam*). Convivi pouco tempo de sua vida, entretanto, foi suficiente para aprender sobre a importância dos pequenos gestos. Gostaria imensamente que essa estivesse presenciando este momento de minha vida.

Aos Arquitetos **Roberto Brandão** e **Adjalmir Rocha**, pelos ensinamentos, acompanhamento e oportunidades dadas para meu crescimento profissional.

A todos da turma Arquitetura e Urbanismo 2015.2, que foram essenciais durante todas as manhãs e tardes juntos na UFCG.

Aos meus amigos e companheiros que a graduação me presenteou, **José Flávio**, **Tiago**, **Yara**, **Sabryna**, **Mylena**, por todos os momentos compartilhados na elaboração dos trabalhos e momentos de descontração nos horários livres.

A **Daniel Ferreira**, pela dupla inseparável nas disciplinas e amizade adquirida da universidade para a vida.

As minhas primas / irmãs **Patrícia** e **Leticia** por vivenciarem meu percurso desde o ensino médio até o término de minha graduação.

Ao corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande.

Ao meu orientador, **Dr. Mauro Normando Macêdo Barros Filho**, pela confiança, incentivo e conhecimentos transmitidos durante a graduação e o estágio supervisionado até o presente trabalho de conclusão de curso. Ao senhor minha gratidão pela dedicação em minha formação acadêmica, científica e profissional.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Açude Velho na cidade de Campina Grande - PB, com foco na relação entre a apropriação do espaço livre público e a morfologia urbana. Atualmente diversos espaços livres públicos no Brasil e especificamente em Campina Grande têm sido desvalorizados por diversos fatores. Com isso, os espaços têm sido identificados como inseguros, sem vitalidade urbana, apropriação e aconchego. Além disso, estudos demonstram que a não apropriação ou má apropriação dos espaços podem ter como um de seus motivos as características da sua forma urbana, a exemplo da presença de fachadas cegas, quadras com grandes extensões e muros altos. O Açude Velho é um exemplo das mudanças de comportamento em relação à apropriação dos espaços livres ribeirinhos em Campina Grande e sua análise contribui para o melhoramento de outras áreas da cidade ou de áreas em seu próprio perímetro, a exemplo do Museu de Arte Popular da Paraíba e Centro Universitário de Cultura e Arte dos quais há um contraste no que diz respeito a vitalidade urbana e tipos de utilização. Devido à sua grande extensão, pode-se observar diferenças nos tipos de apropriações, bem como na capacidade de atração de usuários em determinadas áreas. Portanto, este trabalho tem como objetivo geral compreender a relação entre a morfologia urbana do

entorno do Açude Velho e a apropriação da sua população usuária. Mais especificamente, este trabalho analisará os aspectos morfológicos, por meio do uso de mapas temáticos, e o comportamento de seus usuários, por meio da análise de fotos, elaboração e aplicação de questionários. Os resultados obtidos contribuem para uma melhor compreensão do espaço urbano, bem como para auxiliar na elaboração de diretrizes e estratégias projetuais que considerem a qualidade das experiências vivenciadas pelos usuários no Açude Velho.

**Palavras-chave:** Apropriação, Morfologia Urbana, Vitalidade Urbana

## **ABSTRACT**

The aim of the present work is to study the Açude Velho in the city of Campina Grande - PB, focusing on the relationship between the appropriation of public open space and urban morphology. Currently, several public open spaces in Brazil and specifically in Campina Grande have been devalued by several factors. As a result, spaces have been identified as unsafe, without urban vitality, appropriation and warmth. In addition, studies show that non-appropriation or misappropriation of spaces may have as one of its reasons the characteristics of its urban form, such as the presence of blind façades, blocks with large extensions and high walls. The Açude Velho is an example of the behavioral changes in relation to the appropriation of riverside open spaces in Campina Grande and its analysis contributes to the improvement of other areas of the city or of areas within its own perimeter, such as Museum of Art Population of the Paraíba and Culture and Art of Center University, of which there are a contrast with regard to urban vitality and types of use. Due to its great extension, it is possible to observe differences in the types of appropriations, as well as in the ability to attract users in certain areas. Therefore, this work has as general objective to understand the relationship between the urban morphology around the Açude Velho and the appropriation

of its user population. More specifically, this work will analyze the morphological aspects, through the elaboration of thematic maps, and the behavior of its users, through the analysis of photos, elaboration and application of questionnaires. The results obtained contribute to a better understanding of the urban space, as well as to assist in the elaboration of guidelines and design strategies that consider the quality of the experiences lived by the users in Açude Velho.

**Keywords:** Appropriation, Urban Morphology, Urban Vitality

## **LISTA DE FIGURAS e FOTOGRAFIAS**

Figura 1: Esquema representativo das três esferas que forma o lugar. Fonte: David Canter (1977), adaptado pelo autor (2020).

Figura 2: Passos topológicos. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 3: Pôr do sol no Açude Velho. Fonte: Imagem retirada da internet.

Figura 4: Espacialização do Açude Velho em Campina Grande, na Paraíba e no Brasil. Fonte: Fonte: Fotomontagem editado pelo autor (2020).

Figura 5: Divisão Sub áreas do Açude Velho. Fonte: Imagem retirada do Google Earth, adaptado por Ferreira (2020).

Figura 6: Crescimento Urbano de 1864 até 1943. Fonte: Queiroz (2009), adaptado pelo autor (2020).

Figura 7: Mapa de Cheios e Vazios das quadras lindeiras ao Açude Velho. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

Figura 8: Mapa de Uso do Solo das quadras lindeiras ao Açude Velho. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

Figura 9: Mapa de Gabaritos das quadras lindeiras aos Açude Velho. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

Figura 10: Mapa de Interfaces público-privado dos lotes imediatos ao Açude Velho. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

Figura 11: Tipos de Interfaces Público – privado. Fonte: Google Street View, adaptado por Ferreira (2020).

Figura 12: Mapa de Análise Angular de Segmentos Integração do Açude Velho e a cidade de Campina Grande. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

Figura 13: Metodologia de pesquisa. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 14: Área abrangentes de estudo do Açude Velho. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 15: Fotomontagem apropriação em horário de pico no Açude Velho. Fonte: imagens e montagem elaborado pelo autor (2020).

Figura 16: Aspectos Positivos citados pelos usuários sobre o Açude Velho. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 17: Aspectos Negativos citados pelos usuários sobre o Açude Velho. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 18: edificações no perímetro do Açude Velho, MAPP, CUCA e Quiosques. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 19: Acessos ao Açude Velho por tipologias de ruas. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Figura 20: Perspectivas no Açude Velho e seus contrastes. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01: Gênero

Gráfico 02: Idade

Gráfico 03: Renda

Gráfico 04: Raça

Gráfico 05: Escolaridade

Gráfico 06: Já frequentou o Açude Velho?

Gráfico 07: Com qual frequência?

Gráfico 08: Qual turno costuma frequentar?

Gráfico 09: Quais dias costuma ir com mais frequência?

Gráfico 10: Quais horários costuma ir ao Açude Velho?

Gráfico 11: Como utiliza o Açude Velho?

Gráfico 12: Áreas do Açude Velho que costuma frequentar?

Gráfico 13: Frequenta o Açude Velho acompanhado?

Gráfico 14: Quais atividades costuma realizar?

Gráfico 15: Você tem frequentado este espaço após a pandemia?

Gráfico 16: Deixou de frequentar devido ao covi-19?

Gráfico 17: Se deixou, tem mantido os mesmos hábitos?

Gráfico 18: Observou modificações na paisagem em relação a pessoas e atividades?

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte

ELP – Espaço Livre Público

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAPP – Museu de Arte Popular da Paraíba

PMCG – Prefeitura Municipal de Campina Grande

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	18
<b>2. Fundamentação teórica</b>	
2.1. Os corpos hídricos e as cidades	25
2.2. A morfologia, o comportamento ambiental e a vitalidade urbana	32
2.3. O comportamento ambiental em espaços livres públicos (ELPs)	37
2.4. A sintaxe espacial em ELPs	40
<b>3. Objeto de Estudo</b>	
3.1. O processo de ocupação do Açude Velho	47
3.2. A caracterização morfológica do Açude e seu entrono	52
3.3. Uma análise configuracional do Açude Velho	58
<b>4. Metodologia</b>	62
<b>5. Resultados e Discussão</b>	
5.1. O Perfil dos usuários	70
5.2. Os Comportamentos no Açude Velho	75
5.3. As Perspectivas sobre Açude Velho	82
<b>6. Considerações Finais</b>	95
<b>7. Referências bibliográficas</b>	99

**INTRODUÇÃO**

**1**

## 1. INTRODUÇÃO

A relação entre os corpos hídricos e as cidades foram fundamentais para o crescimento e desenvolvimento econômico dessas em todo o mundo. Os corpos d'água serviram principalmente para o abastecimento hídrico; transporte de mercadorias e de pessoas. Com a Revolução Industrial, os corpos hídricos dos centros urbanos transformaram-se em grandes depósitos de dejetos industriais e de águas residuais provindas de processos domésticos produzidos pelo homem.

As mudanças nos padrões produtivos e comportamentais das populações com relação às formas de apropriação dos corpos hídricos e o descaso dos aspectos ambientais, agravam a desvalorização de açudes, rios, lagos, nascentes e córregos naturais, em consequência do crescimento descontrolado em determinadas áreas em beira d'água, e sem respeito às normas e legislações urbanísticas ou ambientais.

Em contrapartida, o movimento de revalorização dos corpos hídricos iniciou-se a partir da década de 1990, com o incentivo ao uso dos espaços ribeirinhos como potenciais áreas de convivência, lazer e práticas esportivas, passando a definir novos padrões de qualidade de vida nas cidades (MELLO, 2008).

Ainda de acordo com Mello (2008), este estudo parte da hipótese de que os corpos hídricos em áreas urbanas podem ser classificados nas seguintes situações: **valorizados**, quando há o diálogo entre o corpo hídrico, cidade e população; ou **desvalorizados**, quando a população o ignora e sua área livre pública não possui boa capacidade de atração, conseqüentemente não proporcionando aos usuários uma boa experiência de uso. Com base nos conceitos acima, o Açude Velho, devido à sua extensão, pode apresentar ambas as situações. Diante deste contexto, levanta-se a seguinte questão: a configuração urbana do Açude Velho tem interferido na sua apropriação por parte da população?

Atualmente na cidade de Campina Grande, o corpo d'água intitulado Açude Velho tem sido representada como um dos principais cartões postais do estado da Paraíba e, com isto, tem sido explorado por diversos agentes produtores do espaço urbano. O seu entorno imediato vem sendo sujeito à construção de edificações com diversas tipologias e usos do solo, tais como: serviços, comércios, residenciais, faculdades e museus, propiciando à população usuária experiências distintas. Além disso, as tipologias das interfaces público/privado (testadas e fachadas das edificações) têm contribuído diretamente nas relações comportamentais dos usuários com o espaço livre público do Açude Velho (SANTOS, 2018).

Em decorrência da relação entre as cidades e os corpos d'água, atualmente diversos projetos urbanísticos e paisagísticos pelo mundo têm levado em consideração os corpos hídricos enquanto princípios norteadores dos projetos, e ido ao encontro da revitalização, recuperação e reintegração dos corpos hídricos em áreas urbanas. Para Magnoli (1982), o espaço livre é toda e qualquer área não ocupada por edificações, ou seja, os corpos d'água além de se encaixarem na definição, são de fundamental importância enquanto elementos naturais que compõem e possibilitam um "escape" em meio ao estresse urbano gerado pela alta densidade construtiva. Outro fator importante a se destacar é a morfologia urbana e sua relação com os espaços livres, de modo que o desenho urbano seja propício ao melhoramento destas áreas, possibilitando a integração dos corpos d'água com a cidade e enfatizando a sua importância enquanto centralidade.

Esses aspectos configuracionais, juntamente com os tipos de apropriação dos usuários, possuem relações diretamente interligadas, uma interferindo na outra, o que torna a paisagem do Açude Velho com uma grande capacidade de apresentar setores com vitalidade urbana distintas e que transmitem aos seus usuários experiências habitualmente diversificadas ao entorno do corpo d'água a exemplo do CUCA e MAPP.

Em decorrência dos períodos de modificação no comportamento ambiental dos usuários no Açude Velho, atualmente esse espaço significa

para a cidade um elemento atrativo, se encaixando ao conceito de "sociopetal" definido por Lang (1987 *apud* DEL RIO, 1990) enquanto uma centralidade urbana que agrega à cidade.

Saboya (2007) aponta que, a Sintaxe Espacial enquanto teoria e metodologia busca servir de suporte ao estudo dos aspectos configuracionais e compreender os reflexos da formação da cidade em relação aos comportamentos de seus usuários, teve sua origem em 1970, pelos professores e pesquisadores Bill Hillier e Julienne Hanson, buscando representar, calcular e visualizar padrões configuracionais existentes na cidade por meio de perfis científicos – matemáticos. Logo, nesse trabalho, as ferramentas de Sintaxe Especial como análise de segmentos e mapas axiais, serão aplicadas para analisar a integração do objeto de estudo com a cidade como um todo. Além disso, serão também adotados métodos de análise morfológica como mapas temáticos e comportamental sob uso de questionários. Com isso, esse estudo utiliza materiais e conhecimentos já discutido e fomentados em pesquisas anteriores realizadas pelo autor e orientador, também enquanto pesquisa científica busca contribuir para com o desenvolvimento de futuras pesquisas, além de auxiliar na elaboração de projetos que visem o aprimoramento da vitalidade urbana do Açude Velho e valorizem a apropriação do espaço livre público da cidade pelos seus usuários.

Para tanto, esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral compreender a relação entre a morfologia urbana do entorno do Açude Velho e a apropriação da sua população usuária; e mais especificamente: (I) analisar a influência dos aspectos morfológicos para com o comportamento dos usuários; (II) Compreender a relação entre o comportamento de seus usuários e as áreas com mais ou menos vitalidade urbana.

Esse TCC é composto por seis capítulos, incluindo esta introdução. O capítulo 2 corresponde ao referencial teórico no qual serão trabalhados conceitos nos seguintes itens: Corpos hídricos e as cidades; A morfologia, o comportamento ambiental e a vitalidade urbana; O comportamento ambiental em espaços livres públicos (ELPs); e Sintaxe Espacial em (ELPs). O capítulo 3 abordará o objeto de estudo, Açude Velho, sendo composto por três itens: (i) o processo de ocupação do Açude Velho; (ii) a caracterização morfológica do Açude e seu entorno; (iii) uma análise configuracional do Açude Velho. O capítulo 4 descreverá os procedimentos técnicos e metodológicos utilizados para a realização da pesquisa e obtenção dos resultados. Por fim, o capítulo 5 discutirá os resultados obtidos a partir dos questionários, relacionando com a morfologia e apropriação dos usuários. Por fim, o capítulo 6 apresentará as considerações finais do trabalho de conclusão de curso e sua colaboração na formação acadêmica.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **2**

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com David Canter (1977 *apud* DEL RIO, 1990), o sentido de lugar está associado à qualidade físico-ambiental dos espaços urbanos e pode ser compreendida por meio de três esferas: comportamentos, atributos físicos e concepções. A esfera de atributos físicos trata das características do ambiente construído que podem ser analisadas pelo estudo morfológico; a esfera dos comportamentos busca compreender os usuários e suas relações com o espaço a exemplo dos tipos de apropriação; e, por último, a esfera de concepções e imagens engloba a paisagem e suas perspectivas que geram diversas experiências e sensações aos usuários.

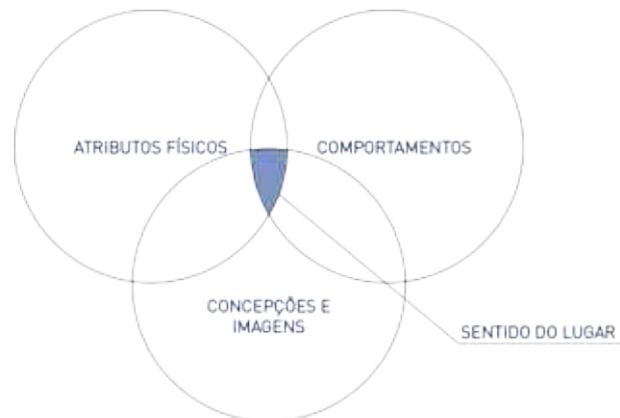


Figura 1: Esquema representativo das três esferas que forma o lugar.  
Fonte: David Canter (1977), adaptado pelo autor (2020).

De acordo com Lerup (1972 *apud* DEL RIO, 1990), a relação entre essas três esferas e sua uniformidade deve servir como mecanismo de mensuração do nível de qualidade e características ambientais.

Com base no objetivo dessa pesquisa, esta etapa consistiu na investigação de referenciais teóricos e metodológicos, como relatórios, livros, artigos e dissertações, que abordassem temas e conceitos que explanam os seguintes sub-tópicos: corpos hídricos e as cidades; a morfologia urbana e sua relação com a vitalidade em meio a configuração espacial; o comportamento ambiental em espaços livres públicos com base nos seus usuários e a importância da existência deste contato para a cidade; e, por último, a sintaxe espacial enquanto ferramenta para a compreensão do espaço livre público.

Estas referências são de fundamental importância para compreensão do objeto de estudo, as discussões atuais sobre os temas e o entendimento dos resultados obtidos.

## **2.1. Os corpos hídricos e as cidades**

A partir do surgimento das primeiras cidades, a presença de corpos hídricos demonstraram ser uma condição indispensável para a localização e fixação dos assentamentos humanos, ao garantir o abastecimento de água e

a oferta tanto de alimentos para consumo da população, quanto para comercialização, mediante a pesca ou agricultura irrigada; além de se estabelecerem como um dos principais meios para o transporte de pessoas e mercadorias (COY, 2013). Portanto, a vinculação dos corpos d'água para com as cidades é um fator essencial para o desenvolvimento urbano, basta lembrarmos das grandes civilizações da Idade Antiga estabelecidas às margens de grandes corpos d'água, como no caso dos rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia, do Rio Nilo no Egito e do Mar Egeu em Atenas. Todavia, a partir do século XIX, com a Revolução Industrial e o desenvolvimento dos meios de produção, o crescimento urbano refletiu em mudanças significativas no que diz respeito às dinâmicas sociais, culturais e econômicas, o que ocasionou a desvalorização e degradação ambiental dos corpos d'água nos centros urbanos, tornando o que antigamente se caracterizava como fonte de abastecimento hídrico em locais decadentes e repositórios de dejetos industriais e domésticos (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

Na atualidade, a conjuntura mundial tem atribuído novos olhares para os corpos hídricos. Com isso, diversas cidades têm elaborado projetos urbanísticos e de paisagismo que se destinam à recuperação e reintegração dos corpos hídricos à cidade. Tais propostas buscam transformar as áreas que se tornaram decadentes e degradadas em lugares atrativos, sustentando

a apropriação da população e gerando vitalidade urbanas nestas áreas, sendo um ponto negativo a gentrificação gerada nestes espaços devido à alta valorização destes locais. Exemplos dessa tendência atual são os projetos de reabilitação do Rio Don, no Canadá; dos Rios Los Angeles e Anacostia, nos Estados Unidos; e do Rio Piracicaba no Brasil (GORSKI, 2010). No Brasil, ainda há carência de propostas e, dessas, poucas foram concretizadas.

A ocupação irregular das margens de corpos d'água tem sido uma prática frequente em diversas cidades no país, de tal maneira que não só os grupos sociais excluídos se apropriam, mas também os grupos sociais privilegiados. Dentre os motivos, podem-se citar a precariedade do controle e fiscalização nas cidades no cumprimento das normas estabelecidas pelas legislações urbanísticas e ambientais, assim como a fragilidade da política habitacional em fornecer moradias para a população excluída do mercado imobiliário formal e da sociedade como um todo (MARICATO, 2000).

No que se refere à cidade de Campina Grande-PB, a mesma se desenvolveu em uma região privilegiada em relação à proximidade de corpos hídricos, uma vez que possui diversos corpos d'água por toda sua área, como por exemplo o Açude Velho, cartão postal e importante ponto de referência no município; o Riacho das Piabas que deságua no Açude Velho; o Riacho de Bodocongó, dentre outros.

Porém, por mais que estes corpos hídricos estejam localizados na região central da cidade, poucos são valorizados e não podem ser utilizados para consumo humano devido à degradação ambiental e às diversas ocupações irregulares ao longo de suas margens (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019). Isso porque, em Campina Grande, a relação com os corpos d'água sempre evidenciou a dicotomia entre a valorização e desvalorização desses. O Açude Velho, especificamente desde sua construção até os dias atuais, teve diversas funções destinadas ao seu uso enquanto corpo d'água, a exemplo de sua utilização para consumo, manutenção e limpeza de equipamentos industriais e escoamento de águas de esgoto; o que contribuiu para sua má qualidade hídrica.

De acordo com Carvalho (2011), os corpos d'água podem apresentar duas situações em relação com a cidade: a primeira seria a sua negação e esquecimento, tanto por parte da população quanto pelos órgãos governamentais, transformando-as em áreas com carência de vitalidade e propícias à degradação ambiental, como diversos processos relacionados à contaminação das águas, encostas vulneráveis e o aumento de áreas propícias a inundações, ocasionando prejuízos ambientais e socioeconômicos para a cidade como um todo. A segunda consiste na sua integração à dinâmica dos centros urbanos, tornando espaços livres públicos com melhor qualidade de vida e apropriação por parte da população, o que possibilita

melhores índices de qualidade ambiental e soluções para os problemas de infraestrutura, como o escoamento de águas e o conforto ambiental em áreas urbanas (CARVALHO, 2011).

Ao evidenciar que os corpos hídricos em centros urbanos são elementos que tendem a condicionar o desenho do espaço urbano, existem também outros atributos presentes no seu entorno imediato que são significativos para o sentido e a conservação das relações entre a população usuária dos corpos d'água. Conforme Mello (2008), a acessibilidade, a estética, os planos de interfaces e interstícios somado aos tipos de apropriações do espaço livre público contribuem para a vitalidade destes espaços. Estes aspectos tornam-se de fundamental importância ao controle, desempenho e melhoramento destes espaços, por meio de normas e leis que permitam que estes atributos estejam presentes na morfologia e dinâmica urbana, considerando que os corpos d'água são elementos centrais, de referência e naturais nas cidades.

Os corpos d'água localizados nas cidades são ao mesmo tempo elementos componentes do ambiente natural - pelo que devem ser respeitadas suas dinâmicas hídricas, geológica, biológica - e elementos componentes do sistema urbano - pelo que ser respeitada suas dinâmicas socioculturais (MELLO, 2008, p. 45).

Conforme Del Rio (1990), a revitalização ou recuperação dos espaços livres públicos e os elementos que compõem a morfologia urbana na paisagem são de fundamental importância para a cidade, assim como os corpos hídricos, determinando que a recuperação das dimensões arquitetônica e urbana devam apresentar elementos próximos também valorizados, uma vez que a composição, ordenação e formação do tecido urbano e da relação entre todos os elementos presentes no espaço determinam a vitalidade e apropriação nas áreas livres.

As áreas urbanas com presença de corpos hídricos, enquanto elemento natural ou artificial nos centros urbanos, trazem consigo particularidades a modelo do convívio entre o homem e a natureza, seja por práticas de apropriação como atividades esportivas, de lazer, contemplação e comercial, ou por relações de imagem como legibilidade e a imageabilidade. Segundo Ghilardi e Duarte (2006 *apud* MELLO, 2008), os espaços livres naturais incorporados às áreas urbanas podem atuar como agentes de incentivos a trocas de experiências e de convívio social. Ainda de acordo com os autores (2006 *apud* MELLO, 2008, p.152-153), "os rios urbanos, quando valorizados como um recurso natural nos espaços livres públicos da cidade, atraem as pessoas e, deste modo, são capazes de dar suporte a uma vida pública, e contribuir para aumentar o papel social do entorno ribeiro."

Os pontos citados acima podem ser fatores convidativos à apropriação da população como um todo ou se tornam atrativos à espetacularização ou especulação imobiliária da área, causando fenômenos como gentrificação ou segregação social, de modo que a área seja frequentada apenas por um grupo seletivo da sociedade. Do contrário, caso a formação da cidade tenha vivenciado, em algum momento de seu desenvolvimento, o processo de negação desses cursos d'água, desvalorizando a sua relevância, a área pode vir a se tornar insatisfatória para habitação e outros usos, assim como pode perder sua capacidade em atrair pessoas, apresentando uma vitalidade urbana insatisfatória e uma provável ocupação irregular sofrendo com a degradação ambiental (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

A presença dos Espaços Livres Públicos (ELPs) e a apropriação destes pelas pessoas e suas diversas atividades tornam os espaços de circulação e permanência mais acolhedores e seguros. De acordo com Jacobs (2013), sob o olhar dos usuários, as pessoas tendem a se locomover por vias com mais segurança e com mais movimentação tanto de veículos (motorizados ou não), quanto de pedestres. A diversidade de usos aprimora a relação de contato entre quem está dentro e quem está fora das edificações, facilitando a integração física e visual entre os espaços de domínio público e privado, contribuindo para a segurança pública.

Ainda sobre a relação entre os tipos de espaços, Jacobs (2013) aponta que o ambiente urbano e sua infraestrutura devem respeitar os seguintes pontos: os espaços de domínio público e privado devem ser distintos e separados; as edificações ou lotes devem transmitir uma integração de visibilidade para o meio externo, em especial para com os espaços livres públicos; e as vias de circulação devem conter pessoas circulando de forma ininterrupta no decorrer do dia. Tais aspectos citados por Jacobs (2013) são de extrema importância para este estudo, especialmente por evidenciar a relevância da relação entre as edificações e pedestres, quer seja através da integração visual ou física, de modo que as edificações possam dispor de uma boa qualidade de constitutividade e aberturas em sua inserção na cidade.

Essas características, no que diz respeito a visibilidade e caminhabilidade têm principal função "tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas" (JACOBS, 2013, p. 36). Os aspectos configuracionais do espaço e as características das interfaces podem em uma mesma rua transmitir diversos tipos de sensações vivenciadas pelos usuários, como segurança, conforto, atração visual, dentre outras.

## **2.2. A morfologia, o comportamento ambiental e a vitalidade urbana**

As cidades brasileiras passaram por diversos momentos e diferentes processos de crescimento, sendo esses ciclos responsáveis hoje pela sua forma e arranjo organizacional, de modo que também moldaram a vinculação entre a população e o tecido urbano. O resultado desse desenvolvimento se transfigura em análises, estudo da morfologia e seus tipos de apropriação. Desse modo, para a compreensão sobre a temática torna-se indispensável obter um suporte teórico sobre conceitos e discussões acerca da morfologia urbana e seus principais autores. Lamas (2011) destaca que a **morfologia urbana** se caracteriza através da análise da forma e do meio urbano, em seus elementos morfológicos e na sua produção e transformação no tempo. Seguindo do estudo evolutivo a partir de diferentes elementos que configuram o espaço e que abrangem desde a caracterização do solo, lotes, quadras, vias, edifícios e mobiliário urbano, sendo possível compreender a relação entre o ser humano e seu ambiente habitável.

O termo 'morfologia' utiliza-se para designar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. É a ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem. A morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e sua estrutura (LAMAS, 2011, p.37).

De acordo com Philippe Panerai (2006), o conceito de **tecido urbano** corresponde à análise da cidade enquanto um organismo que se desenvolveu ao longo do tempo, permitindo uma visão integral se comparada a uma análise direta da paisagem urbana, apresentando o desenho urbano estabelecido por três principais elementos: a rede de vias, o parcelamento fundiário e as edificações.

Sobre as composições presentes nos espaços públicos, compreendem a integralidade das vias: ruas e vielas; bulevares e avenidas; largos e praças; passeios e esplanadas; cais e pontes; como também os rios, lagos, canais, margens e praias, pertencentes à coletividade e acessíveis por todos a qualquer momento (PANERAI, 2006). As fachadas e interfaces das edificações, uma vez que interligam a transição entre espaços livres público e o privado, caracterizam: as características distributivas; o tipo de edificação e uso; as particularidades e linguagem arquitetônica. Portanto, a morfologia urbana é o conjunto de elementos que moldam e transformam a cidade (LAMAS, 2006).

Referente ao impacto da morfologia na cidade, Saboya (2017) entende que a **vitalidade urbana** compreende a "alta intensidade, frequência e riqueza de apropriação do espaço público, bem como à interação deste com as atividades que acontecem dentro das edificações." A vitalidade urbana deve estar presente nas ruas, praças, parques, passeios entre outros espaços

livres públicos abertos. Mais especificamente, expressa-se que um lugar ou área contém vitalidade a partir do momento em que há pessoas usando os espaços: locomovendo-se, deslocando para as suas respectivas atividades e afazeres diários ou eventuais; interagindo e conversando em encontros sociais, praticando lazer, como atividades físicas em grupo; encontrando-se; observando e contemplando a paisagem (seja ela natural ou artificial) e as outras pessoas; divertindo-se das mais diversas possibilidades e nos mais variados locais; brincando, principalmente em parques e praças com áreas verdes, e dependendo do local também nas ruas; assistindo manifestações artísticas como de teatro e música, principalmente as apresentações informais de baixo custo, dentre outras diversas possibilidades de manifestação.

A vitalidade compreende também uma série de práticas relativas à disposição de comércios e serviços, tais como entrar e sair de lojas; perguntar e pesquisar preços; observar vitrines; adquirir produtos; negociar valores e itens de compra; etc. Quando acontece informalmente no próprio espaço livre público, como é o caso de camelôs e pequenos quiosques de venda alimentícia, a própria atividade comercial se torna parte da vitalidade urbana. Em geral, a vitalidade urbana pode ser compreendida pela alta intensidade, presença e abundância da apropriação do espaço livre público,

bem como pelo diálogo desses espaços simultaneamente com as atividades realizadas dentro das edificações (SABOYA, 2010, p.4).

O resultado espacial na morfologia urbana está em consonância à relação de integração dos corpos hídricos inseridos na cidade e seu processo de crescimento. Esta relação pode influenciar tanto a configuração dos espaços livres quanto dos edificadas, sejam eles públicos ou privados, esse comportamento também transforma a sociedade por meio de experiências vivenciadas no espaço, mais especificamente em áreas livres próximas ou com presença de corpos d'água. Segundo Hillier e Hanson (1984 *apud* MELLO, 2008), as áreas urbanas ou micro áreas dentro de um espaço delimitado podem conter padrões morfológicos dinâmicos e distintos, embora se apresentem como uma unidade espacial. Essa correlação entre morfologia urbana e seus usuários podem retratar maiores ou menores índices de vitalidade urbana local.

Compreendemos que os espaços podem conter arranjos e configurações similares e níveis de vitalidade iguais ou distintos. Mario Clawson (1969 *apud* MAGNOLI, 2006) define alguns pontos importantes para que os espaços livres públicos consigam transmitir à cidade enquanto funções comuns a estes elementos: (i) propiciar perspectivas e vistas do cenário urbano; (ii) propiciar recreação no mais lato sentido do termo, com amplo de atividades específicas; (iii) propiciar proteção ecológica a valores

importantes, como recarga de água do subsolo, prevenção de inundações, preservação de áreas excepcionais e similares; (iv) servir como dispositivo ou influência para a morfologia urbana, de tal forma que parte de um extenso aglomerado seja identificado de suas vizinhanças; e (v) reservar presentemente áreas sem utilização para usos futuros (CLAWSON, 1969).

### **2.3. O comportamento ambiental em Espaços Livres Públicos (ELPs)**

De acordo com Gehl (2015), as cidades são criadas e construídas de modo que a sociedade se transforma. Entretanto, ao decorrer dessa construção, tanto o meio urbano quanto o homem se moldam e são influenciados. A partir disso, a cidade pode ser caracterizada como uma composição de aspectos morfológicos (LAMAS, 2011). Compreendendo que o espaço urbano se solidifica cotidianamente e está em constante construção de espaços em domínios públicos e privado, torna-se importante questionar a vitalidade urbana e integração destes espaços com a cidade ou suas características morfológicas no seu raio de influência direta. Silva (2017) aponta que a vitalidade das cidades depende dos vínculos existentes nos espaços livres públicos, ou seja, quanto mais vitalidade tiver e mais convidativo forem esses, maior também será a apropriação pela população e grau de afinidade, tornando a cidade mais saudável, segura e utilizada.

No caso do Açude Velho, objeto de estudo desse trabalho que compõe o atual Parque Vergniaud Wanderley, esse constitui um grande espaço livre público no centro da cidade. Entretanto, é importante destacar a atual consolidação das áreas adjacentes ao Açude da principal tipologia de lote privado. Tal espaço concretiza, de acordo com Jacobs (2013), a oscilação em termos de uso e integração com a cidade que os ELPs podem ter ao longo de sua existência. Como exemplo disso, o Açude pode ter em seu perímetro setores mais ou menos valorizados no decorrer da história, podendo assim oscilar em relação ao tipo de apropriação, ao tempo e à presença ou não de usuários.

Para que um ELP possa se manter constantemente com vitalidade urbana e valorizado ao decorrer do tempo, precisa, em sua essência, convidar usuários para que esses mesmo possam atrair outras pessoas e assim sucessivamente, e com isso a importância da presença de áreas humanizadas dotadas com boa visibilidade e acessibilidade física, de modo que o mesmo possa ser incentivador às práticas esportivas, de lazer, contemplação e local de escape para as dinâmicas sociais atuais (GEHL, 2015).

Os ELPs, quando vitais, tendem a transformar as cidades e aprimorar sua qualidade de vida. Entretanto, quando estas características são muito presentes ou até visíveis enquanto marco na paisagem da cidade, estes

fatores podem propiciar a espetacularização da paisagem e, conseqüentemente, atrair olhares dos agentes produtores do espaço como construtores imobiliários, tornando-o objeto de consumo mercadológico (SANTOS, 2018). O desempenho dessas áreas pode ser aprimorado através diversidade de usos que atraiam pessoas, sendo uma característica positiva para a valorização destes espaços. Entretanto, quando as edificações passam ser muito valorizadas ou atingidas pela especulação imobiliária, podem tornar-se barreiras sociais e econômicas. No processo de construção das cidades é importante que se tenha um equilíbrio entre diversidade de uso, padrões socioeconômicos, bem como quantidade de massas edificadas no espaço livre público, de modo que a urbanidade ou vitalidade não sejam afetadas.

De acordo com Lang (1987 *apud* DEL RIO, 1990), o espaço urbano quando relacionado à diversificação do uso e ocupação do solo, além de outras características morfológicas do ELP, o comportamento e apropriação por parte dos usuários na paisagem urbana se completa, bem como o “lugar”, de modo que se possa compreender que as atividades e condutas no cotidiano são influenciadas pelas dinâmicas urbanas e conjunto de composições físicas, espaciais e sociais que estão ao nosso redor. Ou seja, o ELP pode inspirar os usuários a determinados comportamentos, sejam eles adequados ou não à sociedade.

O que permeia as teorias adotadas talvez seja a tentativa de buscar sempre dimensões de análise e atuação sob a ótica do usuário. Ou seja, as formas com que ele vê, sentem compreende, utiliza e se apropria da cidade, de sua forma, seus elementos e suas atividades sociais (DEL RIO, 1990, p. 69).

O autor define ainda dois tipos de ELP, o "sociopetal" e o "sociofugal". O primeiro leva o usuário a uma determinada localização ou centralidade espacial, agregando ao conjunto urbano. O segundo evita o encontro das pessoas ou desagrega suas atividades como encontros sociais, entre outras, fazendo com que tenham menos usuários e menos ligações sócio espaciais.

#### **2.4. A sintaxe espacial em ELPs**

Toda cidade possui diversos espaços que entre si configuram-se como um sistema de espaços livres, enquanto produto do desenvolvimento urbano e de composição de elementos arquitetônicos ou não na cidade (MACEDO, 2011). Em conformidade com Magnoli (1982), os espaços livres são aqueles ausentes da presença edificações, em geral descobertos, urbanos ou não, com vegetação ou pavimentados, caracterizando-se de domínios públicos ou privados, simbolizando muito além das áreas verdes. Esses espaços podem ser denominados espaços abertos como ruas, calçadas, parques, praças,

praias, jardins, áreas livres de condomínios, pátios internos, estacionamentos cobertos, terrenos baldios, rios, áreas verdes entre outros.

De acordo com Souza (2003), os espaços livres podem ser classificados entre públicos e privados e mais especificamente de transição ou de permanência. Os Espaços livres privados são aqueles de propriedade e uso privativo como em residências ou condomínio; já os espaços livres públicos são de uso geral, de propriedade pública. Esses podem ser de permanência, como praças e parques, e de transição, como calçadas e vias.

A Teoria da Sintaxe Espacial foi formulada nos anos de 1970 pelos professores Bill Hillier e Julienne Hanson da Bartlett School, University College London. Essa abordagem sobre a análise da cidade utiliza do aspecto científico-matemático para estudar e interpretar a arquitetura e o urbanismo de forma objetiva. Dessa forma, a sintaxe espacial pode ser utilizada como ferramenta para pressupor os efeitos dos projetos urbanos propostos (SABOYA, 2007). A Teoria da Sintaxe Espacial busca descrever a configuração do traçado urbano e as relações entre o público e o privado a partir de características quantitativas que permitem o entendimento de diversos aspectos do sistema urbano, como acessibilidade e usos do solo (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

O espaço pode ser representado como um sistema formado por um conjunto de linhas axiais e por espaços convexos. De acordo com Hillier e

Hanson (1984), as linhas axiais são as maiores linhas retas capazes de cobrir todo o sistema de espaços abertos de um determinado recorte urbano, estão associadas aos espaços de circulação e a padrões de movimento; ao passo que os espaços convexos estão associados aos espaços de permanência e a padrões de copresença. As ruas, portanto, se caracterizam por linhas retas que se interceptam nos espaços abertos através de suas maiores distâncias em termos de comprimento, de forma que componham o Mapa Axial.

A sintaxe espacial utiliza diversas medidas, dentre elas cabe destacar a medida de integração que consiste na relação entre as linhas axiais ou “vias” existentes na cidade e a relação entre distância ou profundidade entre elas de forma que o *software* utilizado calcule todas as linhas existentes no desenho da cidade. Além disso, o sistema compreende as linhas axiais rasas como sendo as mais conectadas, bem como as linhas axiais profundas como sendo as mais isoladas do sistema (HILLIER *et al.*, 1993).

A Análise Angular de Segmentos, resultante também da sintaxe espacial, consta como uma análise ainda mais detalhada sob aplicação da medida de integração. Com base em um cálculo ainda mais complexo, analisa além das linhas axiais os seus respectivos ângulos de interseção com outros segmentos de linhas, calculando cada segmento individualmente em relação a todo o sistema, o que contribui de forma significativa para a compreensão da acessibilidade física com relação entre a cidade e escala de

pedestres (CASTRO *et al.*, 2016). A Integração corresponde a profundidade de uma linha e seu número de conexões em relação às demais do sistema, a exemplo do esquema abaixo em que a linha 2 se relaciona com as demais diminuindo a quantidade de passos topológicos necessários para chegar a outro determinado ponto (Figura 2).

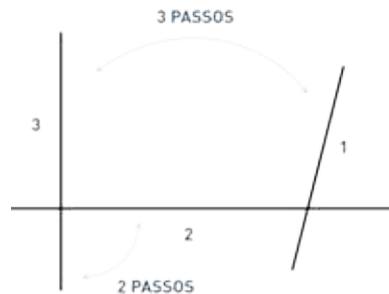


Figura 2: Passos topológicos. Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Considerando que a cidade esteja sempre em um processo de transformações morfológicas, tanto em domínios públicos quanto privados, é de fundamental importância compreender estas relações, tanto na escala de recortes menores quanto da cidade como um todo. Este tipo de abordagem e análise do traçado urbano pode auxiliar na compreensão de espaços livres públicos, formas de acessibilidade, desenho urbano e uso do solo.

A Teoria da Sintaxe Espacial, no que diz respeito ao conceito de Movimento Natural, indica que a quantidade de movimento de pedestres em um sistema de espaços livres públicos é resultado dos aspectos configuracionais da área e independe da existência de elementos atrativos à população. Ademais, o desenho urbano já cria padrões de movimento natural por si só, e este padrão define futuros elementos atrativos bem como outras características morfológicas (HILLIER *et al.*, 1993). Os autores destacam ainda que as tipologias de usos e gabaritos, usos do tipo comercial e de serviços são centralidades e atrativos, entretanto, são posteriores à consolidação do traçado urbano e podem agir como intensificadores do fluxo de circulação e do movimento natural. É através compreensão configuracional do ambiente urbano que a Sintaxe Espacial auxilia na “previsão de fluxos de pedestres e veículos e na interpretação da lógica de distribuição de usos no espaço urbanos e dos encontros sociais” (SABOYA, 2007).

O AÇUDE VELHO

3



Figura 3: Pôr do sol no Açude Velho. Fonte: Imagem retirada da internet

### **3. OBJETO DE ESTUDO**

Este capítulo pretende abordar questões como a evolução do processo de uso e ocupação do Açude Velho enquanto elemento fundamental para o crescimento da cidade de Campina Grande no século XX e XXI. Outrossim, busca também compreender a atual caracterização da morfologia urbana em seu entorno considerando o uso do solo, o gabarito das edificações, os cheios e vazios entre lotes e quadras e, por fim, a análise segmentada de integração. Este capítulo dará suporte à compreensão dos resultados obtidos por meio da análise de fotos e de questionário sobre a apropriação por parte dos usuários. Assim, busca auxiliar na análise sobre a relação entre a morfologia urbana e a apropriação, se de fato no Açude Velho há interferência da morfologia no comportamento dos seus usuários. Com base nos aspectos morfológicos zoneou-se a área em estudo em quatro subáreas com as respectivas edificações MAPP, CUCA e Quiosques, para melhor interpretação e compressão do objeto em estudo.

#### **3.1. O processo de ocupação do Açude Velho**

O Açude Velho está localizado na cidade de Campina Grande no agreste do estado da Paraíba, a 130 km da capital João Pessoa (Figura 4). Situada no Planalto da Borborema, possui altitude média de 550 metros, contendo a segunda maior população do estado com 410 mil habitantes de acordo com o Censo (IBGE, 2017). Abrangendo um território de aproximadamente 595 km<sup>2</sup>, a cidade possui uma densidade demográfica de 689,07 hab./km<sup>2</sup>. O Açude Velho, objeto em estudo, está localizado no bairro Centro do município de Campina Grande, em confluência com os bairros José Pinheiro, Catolé, Estação Velha, São José e próximo a ZEIS Estação Nova.

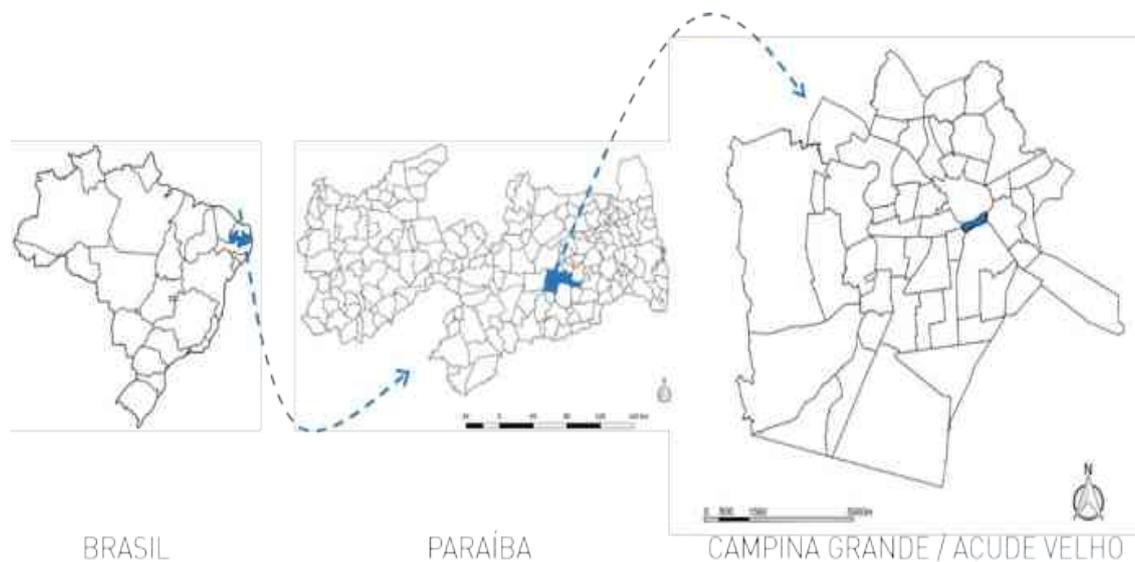


Figura 4: Espacialização do Açude Velho em Campina Grande, na Paraíba e no Brasil.  
Fonte: Fotomontagem editado pelo autor (2020)

Devido à sua grande extensão enquanto um Espaço Livre Público (ELP), o Açude Velho está inserido próximo ao núcleo integrador da cidade de modo que se torna uma área diversamente movimentada e com grande fluxo, principalmente de automóveis, conforme a teoria do Movimento Natural.



Figura 5: Divisão Setores de Estudo do Açude Velho  
Fonte: Imagem retirada do Google Earth, adaptado por Ferreira, 2020.

O Açude Velho possui características fundamentais para um ELP, como facilidade de acesso e vias consideradas com média e boa integração às demais áreas e ELPs da cidade. Além disso, o Açude também atrai usuários de diversos municípios circunvizinhos para práticas esportivas, lazer, interações sociais e serviços disponibilizados em seu entorno imediato (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

No início, o Açude Velho inseria-se na cidade de Campina Grande distante de sua centralidade urbana, de modo que o traçado não contribuiu para devida importância desse corpo hídrico e valorização do ponto de vista urbanístico, como percebe-se no mapa da (Figura 6). A ocupação das margens do Açude torna-se perceptível a partir do mapa de 1918, com a presença de quadras e edificações nas suas adjacências, principalmente no setor norte, com a presença de galpões destinados aos usos comerciais e industriais, encarregados pelo armazenamento e produção de couro e algodão (Figura 4). Essas atividades contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade enquanto exportadora de produtos. Em 1907, a implantação do sistema ferroviário cruzando a cidade e a construção da Estação Velha, próxima do Açude Velho, para a exportação de produtos, tiveram um grande impacto na expansão da cidade (QUEIROZ, 2008).

Após sucessivos períodos de construção, o Açude teve seu desenho e estrutura atual finalizados em 1890. Entretanto, seu uso foi distinto à função

que se tinha planejado inicialmente: o abastecimento de água para a população, devido à grande quantidade de sais minerais presentes no corpo hídrico, sendo sua água não propícia ao consumo humano (JUNIOR, 2012).



Figura 6: Crescimento Urbano de 1864 até 1943.  
Fonte: Queiroz (2009), adaptado pelo autor (2020).

O Açude Velho pode ter sua história dividida, com relação à sua integração com a cidade, em três fases. A primeira fase, entre 1820 e 1910, na qual tinha como única e exclusiva atividade o abastecimento da cidade, principalmente para a população de baixa renda devido à qualidade das suas águas. A segunda fase, entre os anos de 1910 e 1950, destacando-se por um período de industrialização e fabricação de produtos, bem como ainda um

início de valorização do espaço periférico ao Açude. A terceira fase, a partir de 1950 até hoje, como as mudanças da lógica urbana no local e maior valorização da área, tendo como um dos principais norteadores a busca da vitalidade urbana, qualidade de vida e a alta valorização da sua imagem paisagística, o que terminou ocasionando a espetacularização do espaço como um todo (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

Atualmente, o Açude Velho compõe o Parque Vergniaud Wanderley com diversos monumentos, edificações públicas e integração com espaços livres, dentre eles: o Monumento aos Pioneiros (1964); o Centro Universitário de Cultura pertencente a UFCG (2002); a Associação Campinense de Imprensa (1981); o SESC Açude Velho; a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP (1983); o Parque da Criança (1993), projetado por Renato Azevedo onde antes era o Curtume Motta e Irmãos; o Monumento à Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga (2003); o Monumento da Bíblia (2011); o Museu de Arte Popular da Paraíba (2012), projeto do arquiteto Oscar Niemeyer; e o Museu Digital, monumento aos 150 anos da cidade em homenagem aos tropeiros (2015) (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

### **3.2. Caracterização morfológica do Açude Velho e seu entorno**

A morfologia do entorno do Açude Velho foi modificada à medida que o corpo d'água foi sendo valorizado pela população. O mapa de cheios e vazios (Figura 7) representa os espaços livres públicos e privados, assim como as áreas edificadas no interior dos lotes. O Açude apresenta uma área total de 0,17 km<sup>2</sup> (lâmina d'água), correspondente a um grande espaço público livre sem uso e ausente de barreiras visuais com, contribuindo em sua integração visual com as quadras lindeiras, principalmente dos setores sul e oeste que possuem as maiores quantidades de áreas vazias e sem volumes construídos. Nos setores norte e principalmente no setor leste, a densidade construída é mais elevada em grande parte das quadras devido à um maior parcelamento do solo. Foram identificadas na área de estudo um total de 3.486 massas edificadas, caracterizando 0,41 km<sup>2</sup> de áreas construídas (cheios), e 1,29 km<sup>2</sup> de áreas livres tanto públicas quanto privadas (vazias) (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

No Mapa de Usos do Solo (Figura 8) percebe-se uma grande diversidade de usos, tanto na área do parque como em seu entorno. No que se refere às tipologias de usos, observa-se a presença de usos de serviços, comerciais, religioso, institucional e residencial (tanto uni como multifamiliar). O mapa demonstra ainda que há uma maior diversidade de usos no setor norte do Açude Velho e uma maior homogeneidade no setor sul. Ou seja, a área em estudo possui diversos fatores para a atração de

peças e a existência da vitalidade urbana no local (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).



Figura 7: Mapa de Cheios e Vazios das quadras lindeiras ao Açude Velho.  
Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).



Figura 8: Mapa de Uso do Solo das quadras lindeiras ao Açude Velho.  
 Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

De acordo com o Mapa de Gabaritos (Figura 9), no entorno do Açude predominam edificações com dois pavimentos. Percebe-se ainda que no setor norte há uma tendência à verticalização dos lotes, bem com uma maior densidade construída, sendo em sua maioria edificações de uso residencial multifamiliar, comercial e misto. Devido ao fenômeno da especulação e espetacularização da paisagem, outros setores do Açude têm sido afetados pela construção de empreendimentos imobiliários como nos setores leste e oeste, o que de certo modo contribui para a valorização da área, entretanto, pode causar a segregação social do espaço livre público (FERREIRA e BARROS FILHO, 2019).

Ainda com base no estudo realizado por Ferreira e Barros Filho (2019) acerca das interfaces no entorno lindeiro ao Açude Velho, o Mapa de Interfaces (Figura 10) - baseado na metodologia de Cavalcanti (2016) e adaptado pelos autores - leva em consideração diversos critérios para a elaboração e constatação da qualidade das fachadas e interfaces com relação ELP, são eles: tipo de uso do lote, percentual de abertura das fachadas, tipo de fechamento e material utilizado e, por fim, a existência de recuo frontal ou não da área edificação dentro do lote. O estudo leva em consideração também a quantidade de pavimentos existentes na edificação. O estudo revela que os lotes, em sua maioria, se caracterizam com boa relação testada/ fachada com o Açude Velho. Ou seja, a maioria dos lotes apresentam fachadas com grandes aberturas e buscam utilizar elementos de vedação transparentes e pouco recuos frontais, possibilitando uma maior aproximação ao corpo d'água. Esta relação entre interface público/privado é de fundamental importância para a vitalidade urbana no local. De acordo com Jacobs (2013), o próprio morador ou usuário de uma determinada edificação se torna o "segurança" da rua, uma vez que há uma boa visibilidade, dentro do lote, em relação às pessoas que transitam no espaço público exterior.



Figura 9: Mapa de Gabaritos das quadras lindeiras aos Açude Velho.  
 Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

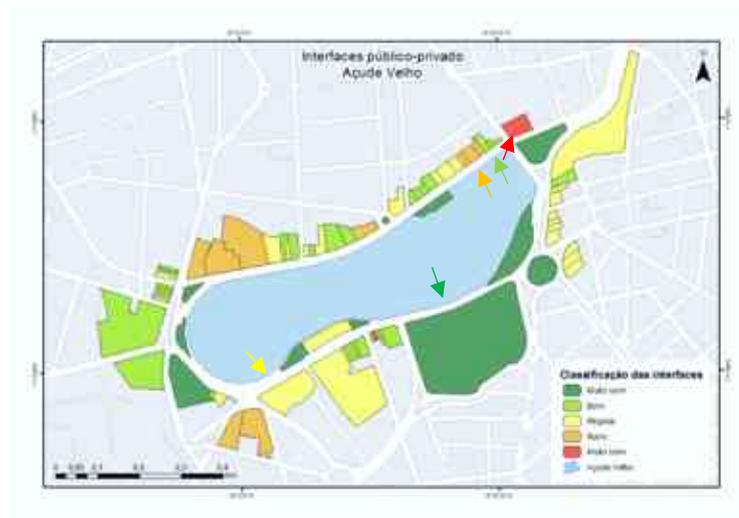


Figura 10: Mapa de Interfaces público-privado dos lotes imediatos ao Açude Velho.  
 Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).



Figura 11: Tipos de Interfaces Público – privado.  
Fonte: Google Street View, adaptado por Ferreira, 2020.

### **3.3. Análise Angular de Segmentos – Integração**

Por meio da Análise Angular de Segmentos sob uso da medida de integração pudemos identificar a integração entre as vias da cidade como um todo (Figura 12) e, mais especificamente, no entorno do Açude Velho. Verificou-se que a Rua Dr. Severino Cruz e as demais vias ao setor oeste, a exemplo da Rua Miguel Couto, são as que apresentam maiores níveis de integração com a cidade, em contraste com as vias dos setores leste e sul que apresentam menor integração. Essa característica das vias nos setores

norte e oeste propiciam uma maior diversidade de usos, como usos de serviços, comércio, misto (residencial/comercial), educacional e de saúde. Isso favorece uma maior vitalidade urbana nessas áreas do que nas outras do entorno do Açude, principalmente por ocasionar um fluxo superior de pessoas que as demais.

Já as vias menos integradas podem acarretar em menos usuários utilizando o espaço, especialmente nas áreas de permanência. No que diz respeito aos valores calculados de integração, destacam-se os valores de integração mínima de 813.04 e máxima de 3009.05, obtendo-se um valor mediano entre todos os segmentos de 1925.42, o que demonstra uma grande diversidade em níveis de integração no desenho urbano da cidade. Já o recorte do Açude Velho possui valor mínimo de integração 1195.51, valor máximo de 2692.98 e uma média de 2018.17. Entende-se, a partir desses valores, que o Açude Velho é um espaço livre público em Campina Grande com integração acima do valor médio da cidade, significando uma importante característica para o objeto de estudo.

Por fim, esse capítulo dará suporte para compreensão dos resultados obtidos por meio de questionário sobre a apropriação por parte dos usuários, bem como auxiliará na análise sobre a relação entre a morfologia urbana e a apropriação: se de fato no Açude Velho há interferência por parte da morfologia no comportamento dos seus usuários.

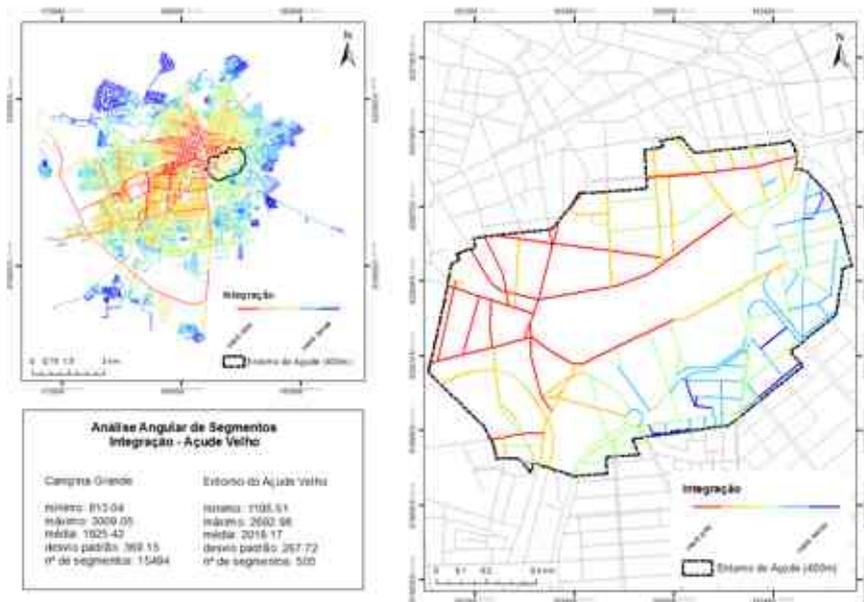


Figura 12: Mapa de Análise Angular de Segmentos Integração do Açu Velho e a cidade de Campina Grande. Fonte: Ferreira e Barros Filho (2019).

# METODOLOGIA 4

## 4. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na produção desse trabalho. Entende-se que esta pesquisa corresponde, quanto à natureza, ao tipo quantitativa e qualitativa. Com base nos instrumentos escolhidos para obtenção dos dados e gráficos referentes aos resultados, classificamos este passo enquanto pesquisa de campo. No que confere aos objetivos específicos da pesquisa, estes constituem de forma descritiva e exploratória, caracterizando o trabalho enquanto pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2010).

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas e toma-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2010, p.27).

A metodologia utilizada busca compreender os tipos de usuários que frequentam o Açude Velho, bem como os modos de apropriação desta população. Assim sendo, o método utilizado demonstrou ser eficiente, versátil e dinâmico, mediante a atual situação vivenciada no Brasil pelo COVID-19 e a impossibilidade de realizar levantamentos *in loco* acerca da análise

comportamental no espaço livre público, sendo esse método escolhido como forma de compreender a apropriação dos usuários no Açude Velho mediante as recomendações dos órgãos de saúde (Figura 13). O método utilizado nesse trabalho pode ser aplicado também em outros objetos de estudo, sendo importante a inserção do elemento em um espaço livre público com possibilidades de usos, como passagem e permanência dos usuários.

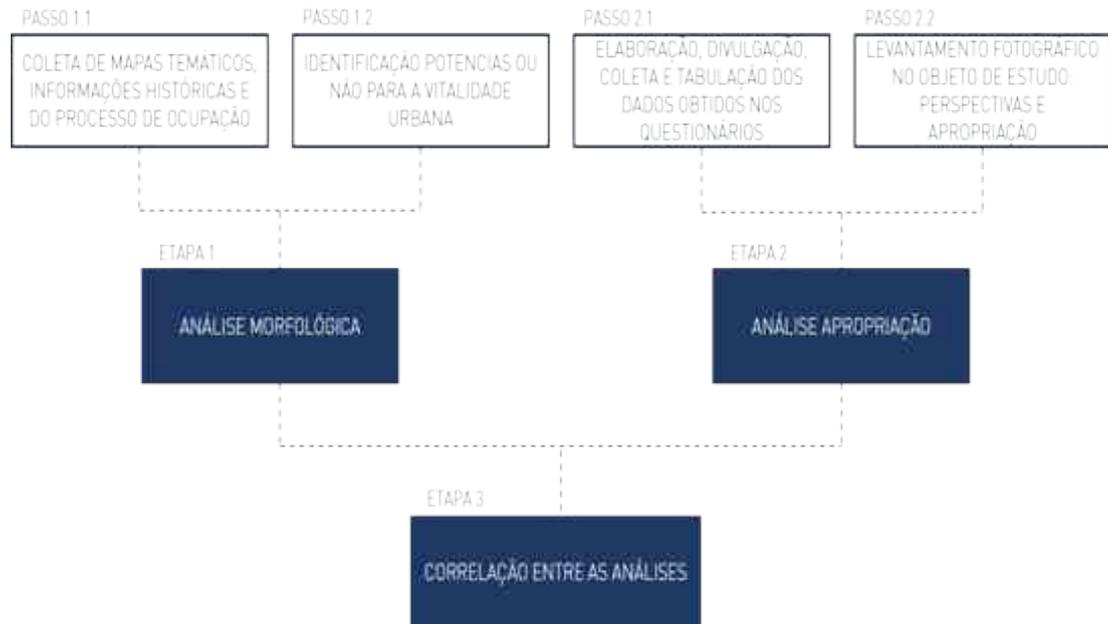


Figura 13: Metodologia de pesquisa.  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

## Etapa 1: Análise Morfológica

Passo 1.1. Consistiu na busca de referenciais teóricos que abordassem temas e conceitos sobre: áreas ribeirinhas urbanas; aspectos morfológicos; vitalidade urbana; comportamento ambiental; sintaxe espacial e também sobre o Açude Velho, sua história até a atualidade. Ainda nessa etapa foi necessário a coleta de dados históricos acerca da evolução e do processo de ocupação do Açude por meio de imagens e mapas da expansão urbana de Campina Grande, assim como diversos mapas temáticos e arquivos fotoimagéticos referentes à morfologia urbana do Açude Velho e seu entorno. Visitas *in loco* também foram efetuadas ainda antes do isolamento social.

Passo 1.2. Se deu através da identificação de áreas com potenciais ou não para a vitalidade urbana, no entorno do Açude e que concentrassem determinadas atividades, fossem elas de passagem ou de permanência. Nessa situação foram selecionadas quatro áreas do perímetro: área dos Quiosques próximos ao Parque da Criança e ao Hipermercado, o Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP e o Centro Universitário de Cultura e Artes – CUCA.

## Etapa 2: Análise de apropriação

Passo 2.1. Optou-se pelo uso de questionários *online* (consultar apêndice p. 99) para compreensão da forma e apropriação dos usuários no Açude Velho. Mediante a pandemia, optou-se pelo uso da plataforma *Google Forms*, evitando possíveis contatos e aglomerações entre pessoas no domínio público. O questionário foi dividido em quatro seções:

A primeira seção está relacionada ao perfil dos usuários e é composta por cinco questões, cada qual sobre os seguintes temas: gênero, idade, renda, nível de escolaridade e raça. Evitou-se especificar o nome ou dados pessoais de cada respondente para garantir privacidade e maior liberdade dos mesmos em responder às perguntas. A segunda seção é constituída por nove questões referentes à relação dos usuários e o Açude Velho, tais como: conhecimento do Açude; frequência de utilização, considerando os turnos e horários; tipos de apropriação ou atividades desenvolvidas na área, acompanhados ou não em locais costumeiramente frequentados. Já a terceira seção é composta por três perguntas sendo duas subjetivas, referentes às percepções dos respondentes do Açude Velho sobre o que lhes interessava mais na área e entorno, além dos aspectos positivos e negativos. A quarta e última seção do questionário é constituída por quatro questões abordando a utilização do Açude Velho neste momento de Pandemia do COVID – 19 e o efeito do isolamento social, no que diz respeito às modificações dos hábitos e do movimento natural na paisagem urbana.

Para coleta de dados os questionários foram enviados para diversas pessoas residentes na cidade de Campina Grande. A divulgação do formulário foi efetuada por meio dos seguintes aplicativos voltados a redes sociais: *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook* e *Instagram*, de modo que atingisse o maior público alvo possível. O questionário ficou *online* para coleta de respostas entre os dias 4 e 18 de maio de 2020.

Após receber os questionários dos respondentes, as respostas foram organizadas e tabuladas com o uso da plataforma *Google Forms* e *Excel*. Posteriormente, elas exportadas para a plataforma de design *Canva*, para a geração dos gráficos. Dizer quantos questionários respondidos foram obtidos.

Passo 2.2. Finalizando o processo do questionário, iniciou-se uma coleta de imagens e fotografias no Açude Velho por volta das 17:30 às 19:00 do dia 20/07/2020, devido a liberação do uso do Açude Velho por parte da vigilância sanitária e secretária de saúde do município. As fotografias tiveram como foco a captura de atividades e as áreas definidas na etapa 1 passo 1.2.

### **Etapa 3: Correlação entre as análises**

Nesta etapa, os resultados referentes aos questionários aplicados foram analisados juntamente com os mapas relativos à morfologia urbana, para avaliar se os motivos da apropriação do Açude Velho pelos usuários

podem ser explicados pelas características morfológicas do seu entorno, ou seja, se as características da área induzem ou facilitam a vitalidade urbana em algumas áreas específicas do Açude Velho, tais como: o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP); o conjunto de quiosques próximos ao hipermercado; o Centro Universitário de Cultura e Artes (CUCA), ao lado da Associação Campinense de Imprensa, e ,por último, o conjunto de quiosques próximos ao Parque da Criança (Figura 14). Além dos resultados, concluiu-se o trabalho com considerações sobre o TCC e sugestões para futuras pesquisas.

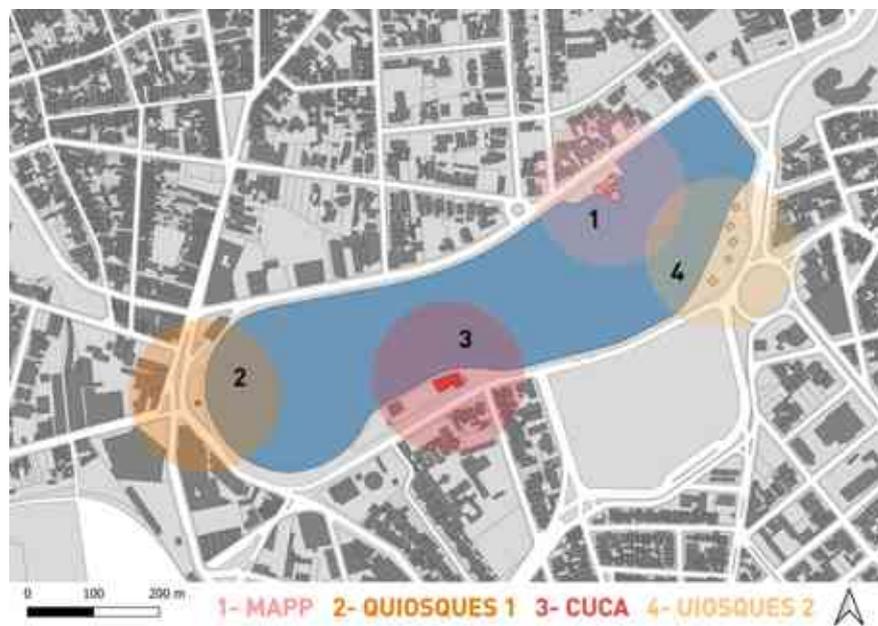
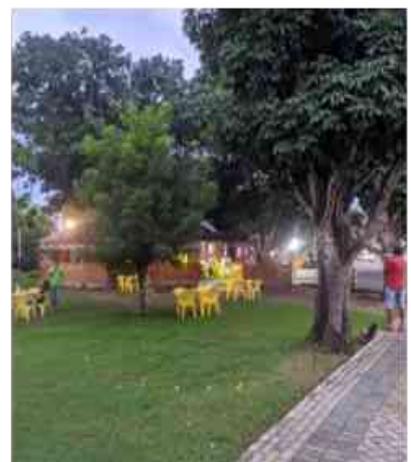


Figura 14: Sub áreas abrangentes de estudo do Açude Velho.  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

**5**



## **5. RESULTADOS**

Este capítulo apresenta os resultados obtidos por meios da análise de gráficos e de comparações com os mapas referentes à morfologia urbana, já apresentados no capítulo referente à caracterização do objeto de estudo. Ao finalizar a divulgação e coleta de respostas dos questionários aplicados, 311 foram respondidos no total ao longo de duas semanas. O número obtido possibilitou compreender os comportamentos e as percepções dos usuários sobre a área de estudo de modo global. Dados sobre o perfil dos usuários como renda pode destoar da realidade pois os respondentes normalmente tendem a não dizer a sua real renda, além desta variável a escolaridade também pode não condizer, tendo em vista que as pessoas de baixa renda e baixa escolaridade podem não ter conseguido responder ao questionário online por não ter tido acesso ou por falta de alfabetização.

A análise dos dados e a sua relação com os aspectos configuracionais morfológicos possibilitaram tanto a identificação dos espaços com mais ou menos vitalidade urbana no perímetro do Açude Velho, quanto propiciou detectar aspectos positivos e negativos indicados pelos próprios usuários.

### **5.1. O Perfil dos usuários**

Quanto ao gênero (Gráfico 1), 63,2% dos usuários são do gênero feminino e 36,8% do masculino, sendo uma diferença considerável, o que indica que o Açude Velho apresenta um espaço convidativo ao público feminino e que dispõe de mais opções para atividades atrativas a esse gênero. Com este resultado também podemos constatar que o espaço transmite uma maior sensação de segurança às atividades desempenhadas por esse público e aos demais mais do que em outras áreas livres públicas da cidade, tendo em vista que a presença do gênero feminino significa que o local oferece sensação de segurança devido à fácil acessibilidade e contato visual com outras pessoas.

Observando o Gráfico 2, percebe-se que o público usuário predominante se encaixa na faixa etária entre 20 e 59 anos, totalizando 88,2% dos respondentes, seguidos de 7,9% com até 19 anos e uma menor porcentagem entre 60 anos acima com 3,9%. Os dados referentes à idade demonstram que as crianças, e em especial os idosos, fazem parte dos grupos que menos utiliza o Açude. Pode-se relacionar esses resultados aos poucos espaços com atividades para esses grupos.

Além disso, a área possui, de certo modo, um problema de acessibilidade imediata devido ao alto tráfego de veículos nas vias do perímetro do Açude Velho. É importante destacar que adjacente ao Açude Velho está inserido o Parque da Criança, que já dispõe de espaços com

mobiliários adequados para o exercício de atividades para todas as faixas etárias. Já para o público adulto em maior número, o entorno do Açude dispõe de serviços e pontos de encontro. Por exemplo, para os mais jovens, o MAPP (Museu de Arte Popular da Paraíba) e sua área coberta com bancos e uma bela vista do Açude; a proximidade deste equipamento com restaurantes e bares que atraem pessoas de Campina Grande e cidades circunvizinhas.

Em relação à renda, 75% dos respondentes se classificaram de classe média; 19,7% de classe baixa e 5,3% de classe alta (Gráfico 3), o que demonstra uma certa “elitização” da população que utiliza o Açude Velho. Quando perguntados sobre a raça, a maioria se autodeclarou branca com 47,7%; seguido de pardo com 43,5%; preto com 5,8%; amarelos e indígenas totalizando menos que 5% (Gráfico 4). Correlacionando com os dados de renda citados acima, as raças branca e parda correspondem também à uma população majoritária e historicamente mais bem favorecida ao acesso a determinadas áreas urbanas. Fato que não ocorre só em Campina Grande, mas em diversas cidades no Brasil, tanto para sua utilização enquanto áreas livres públicas quanto para uso residencial. A ausência de diversidade racial no espaço público pode comprometer as experiências vivenciadas ou a ausência dessas pela população, o que torna importante a desvinculação da paisagem do Açude Velho a uma área do tipo elitizada, para que outras

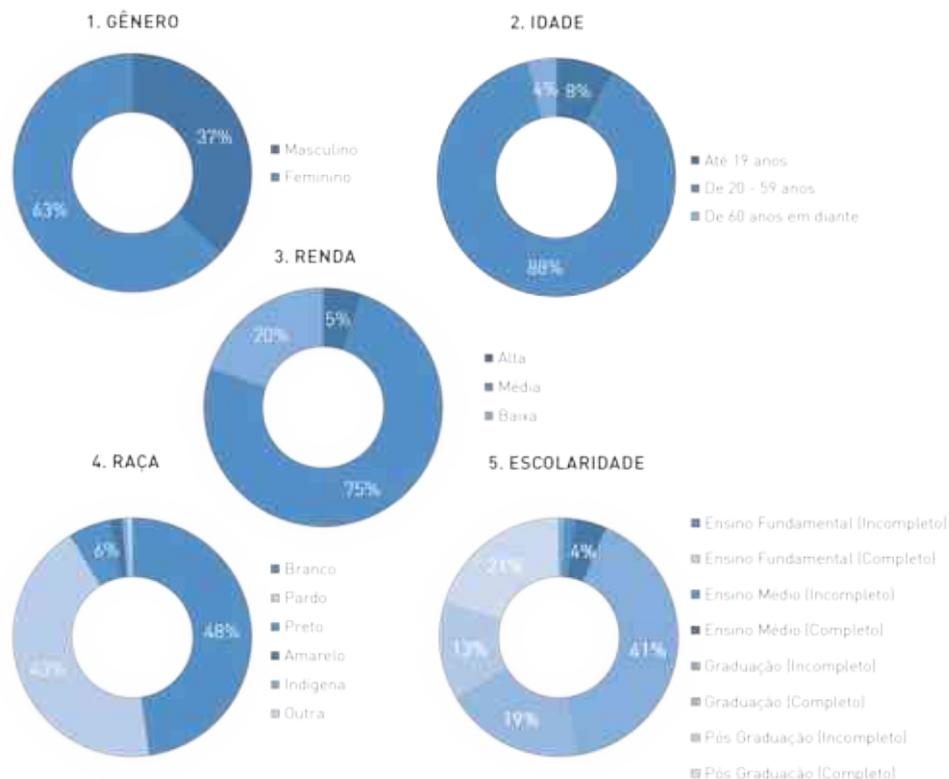
peças tenham o interesse de utilizar o espaço, além de torná-lo parte de seu dia a dia.

Sobre o nível de escolaridade dos respondentes, o Gráfico 5 demonstra que a maior porcentagem (41,1 %) corresponde ao nível de Graduação (incompleta) e os menores índices de Ensino fundamental e Ensino médio totalizando 4,3%. A quantidade de pessoas com Graduação (completa ou incompleta) e Pós-Graduação (Completa ou incompleta) dialogam com a porcentagem predominante nas faixas etárias que utilizam o Açude. Como a maioria das pessoas possui entre 20 e 59 anos, o dado sugere que os usuários conhecem e sabem a importância desse tipo de espaço e de sua utilização.

Em síntese, percebe-se que o perfil de usuário do Açude Velho, de acordo com os 311 respondentes do questionário, é predominantemente de pessoas do gênero feminino (63.2%); com idades entre 20 a 59 anos; (88.2%), de classe média (75%); com acesso ao nível escolar de graduação incompleta (41.1%); e se autodeclaram da raça branca (47.7%). É importante destacar que o perfil de usuário identificado acima tem como base o público que teve acesso e respondeu ao questionário sob plataforma *online*, de modo que a pesquisa tem uma margem de erro, ao desconsiderar um percentual de idosos e crianças, assim como de pessoas com baixas renda e escolaridade frequentadores do Açude Velho que não foram capturados pelo questionário,

ou seja, pelas limitações de conhecimento, acesso e alcance por divulgação e interações com o público via rede social não conseguiram participar ou não tiveram conhecimento da pesquisa.

Esse mesmo perfil de usuário foi identificado durante uma única visita de observação a campo ainda nas primeiras semanas do isolamento social, devido a recomendação pelo Ministério da Saúde enquanto medida de prevenção à disseminação e contágio do COVID-19.

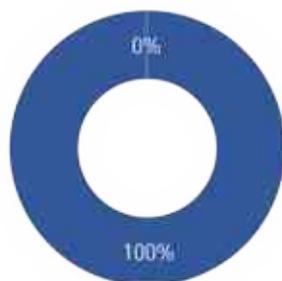


## 5.2. Os Comportamentos no Açude Velho

Na segunda seção do questionário, obteve-se os resultados sobre os comportamentos dos usuários no Açude Velho. Quanto à frequência de ida, todos os respondentes disseram já ter frequentado o local (Gráfico 6). Isto reafirma a sua importância enquanto elemento central urbano, sua representatividade como cartão postal da cidade e uma das principais paisagens do estado da Paraíba. No Gráfico 7, referente à frequência de utilização do espaço dos participantes que utiliza o Açude e seu entorno com regularidade, constata-se que 9% dos seus usuários o frequentam diariamente e 19% o frequentam durante a semana, alternando os dias de visitação. Já 43 % e 29% o frequentam mensalmente e anualmente, respectivamente. É comum que a quantidade de pessoas que o utilizem mensalmente seja maior que as demais opções, porque a cidade durante o ano comporta diversos eventos e o entorno do Açude dispõe de serviços como bares, restaurantes e lanchonetes, como observado nos mapas de uso do solo no capítulo referente a caracterização do objeto de estudo. Pela importância do Açude Velho para a cidade e região, é interessante destacar a quantidade de pessoas que só o utilizam anualmente, como mostra o Gráfico 12, as quais buscam eventos como o São João, Consciência Cristã, Moto Fest, dentre outros.

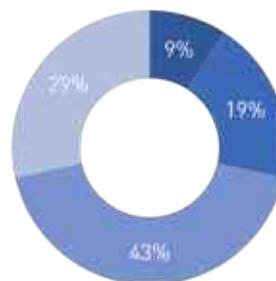
Quanto ao turno de preferência (Gráfico 8), 47% preferem visitar o local à tarde; 37% o utiliza durante o período da noite e 16% pela manhã. Esse dado tem relação direta com os gráficos posteriores (9 e 10) e o modo de apropriação no espaço pelos usuários.

6. FREQUENTOU O AÇUDE VELHO ?



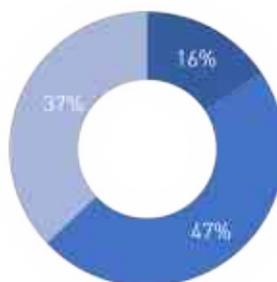
■ Sim ■ Não

7. COM QUAL FREQUÊNCIA ?



■ Diariamente  
■ Semanalmente  
■ Mensalmente  
■ Anualmente

8. QUAL TURNO COSTUMA FREQUENTAR ?



■ Manhã  
■ Tarde  
■ Noite

Ao identificar a frequência e os turnos com maior quantidade de pessoas no Açude Velho, verificou-se que os dias com maior concentração de pessoas (Gráfico 9) ocorrem nos finais de semana (sábados e domingos).

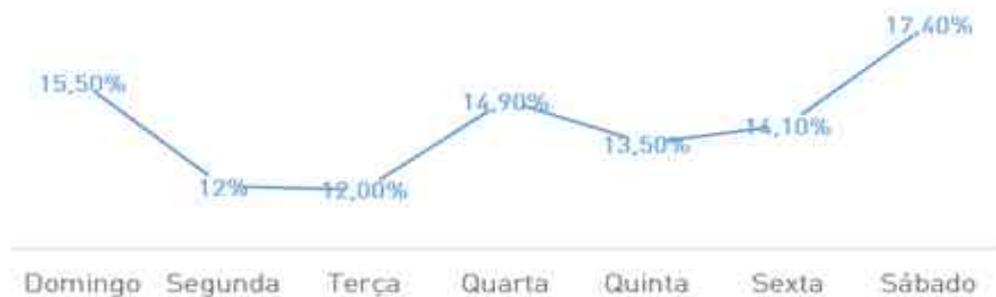
Durante a semana, nas segundas e terças há uma menor frequência de visitação ao Açude. Na quarta ocorre um súbito aumento e a frequência diminui nas quintas e sextas, mas continua ainda maior do que no início da semana (segundas e terças). Esses aumentos nos fins de semana podem ser explicados pelo fato de muitas pessoas não trabalharem nesses dias e a tendência por buscarem os serviços existentes no perímetro do Açude, como bares, restaurantes e museus, além de aproveitarem para passear de forma contemplativa e utilizar o espaço para o lazer. Já nos dias de semana, normalmente o Açude é frequentado por um determinado grupo de pessoas que o utilizam diariamente, de forma mais intensa nas quartas, supõe-se que este pico no meio da semana seja devido à necessidade da faixa etária majoritária fugir no meio da semana do stress do trabalho, sendo refletida por meio de programações de lazer e atividades físicas.

Quantos aos horários com mais ou menos número de pessoas (Gráfico 10), destaca-se o turno da noite entre 17h e 21h, com pico às 19h. Esse turno e horário tem um maior índice devido ao término do expediente de trabalho, correspondente à saída das pessoas para casa, além de ser o início do desenvolvimento de atividades físicas e encontros praticados no Açude Velho. Já no turno da manhã, o horário das 07h é o pico do turno, no qual há a presença de pessoas caminhando ou se locomovendo para o trabalho. Vale salientar que, embora o espaço seja predominantemente frequentado pela

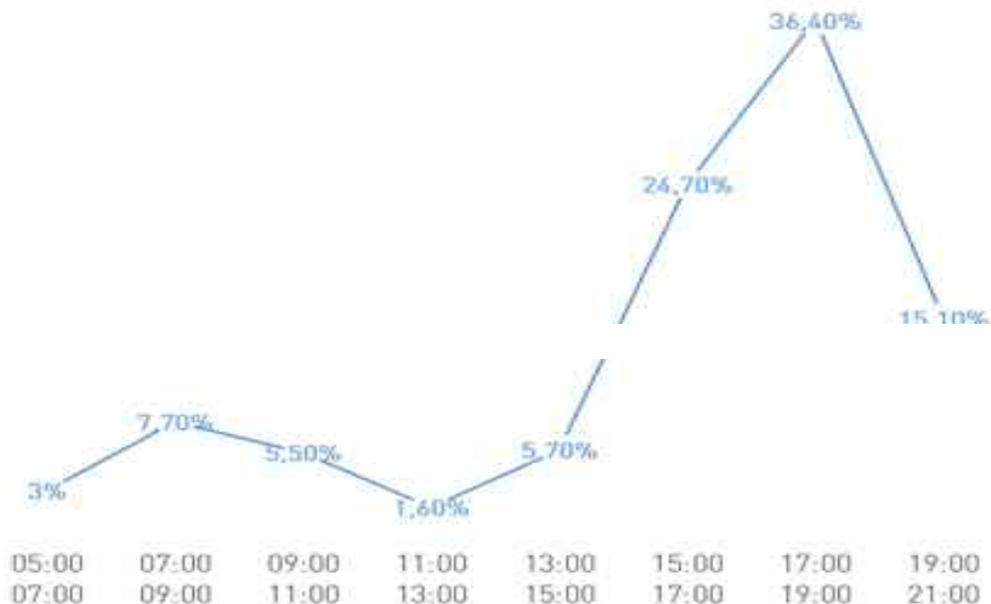
população campinense, pessoas de cidades circunvizinhas também frequentam principalmente à noite, pela presença de serviços de educação de nível superior, técnicos, supletivos e cursos pré-vestibulares no seu entorno.

Avaliando a apropriação do espaço pelos usuários, o Gráfico 12 demonstra que nos horários e turnos frequentados, 55% dos respondentes usam o local como passagem para outras locais, como a ida de casa ao trabalho, à escola, academia, mercado, restaurantes, entre outras; apenas 5% dos respondentes o utilizam como local único e exclusivo para de permanência, o que corresponde ao público que possui algum vínculo ou uso constante durante o dia no perímetro do Açude Velho; e 40% dos respondentes disseram utilizar a área do Açude tanto para passagem quanto como de permanência, como o uso da área para atividades físicas.

#### 09. DIAS COM MAIOR FREQUÊNCIA



## 10. HORÁRIOS COM MAIOR FREQUÊNCIA



Quanto às áreas com maior utilização, tanto de permanência quanto de passagem, sobressaiu-se com maior uso o Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP (37%) por ser tanto um ponto turístico quanto ter um uso específico, seguido dos quiosques próximos ao Parque da Criança (31%) valendo salientar que ambos os locais estão próximos ao monumento dos tropeiros que também se caracteriza como ponto turístico. Essas duas áreas do Açude Velho demonstram ter uma maior capacidade de atrair pessoas, diferentemente do CUCA (7%) em que não mais oferece atividades ou eventos

sendo um local fechado ao público, sendo sua lateral utilizada por skatistas e simpatizantes do esporte e dos quiosques próximos ao hipermercado (14%). Outro dado revelado ainda nesse gráfico é que 11% dos respondentes disseram não utilizar nenhum dos locais, apenas a ciclofaixa e a área de caminhada em todo o perímetro. As áreas mais utilizadas têm um importante papel na vitalidade urbana, devido à morfologia urbana que os qualificam ou os desqualificam. As áreas do MAPP e dos quiosques (parque da criança) apresentam menos barreiras de visuais, o que amplia a relação visual entre os usuários e a paisagem. Além disso, como observado nos mapas do Capítulo 2, os usos do solo nos lotes lindeiros às áreas de maior passagem e permanência possuem diversidade na tipologia de usos o que favorece o aumento do fluxo local e das atividades desenvolvidas, diferentemente das áreas com menos utilização que não possuem essa diversidade, tendo o uso residencial como o principal.

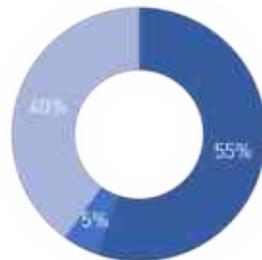
Em consonância com o uso do solo, os setores mais utilizados têm como características os gabaritos diversificados, no entanto, com uma tendência à verticalização e aumento de pessoas próximas além de uma maior facilidade de acesso ao Açude. A acessibilidade é favorecida pela topografia no setor norte da área em estudo que, diferentemente dos setores sul e oeste, pode se tornar uma barreira no que diz respeito à apropriação das áreas do CUCA e dos quiosques (hipermercado).

Outros dois fatores que interferem diretamente nessa relação é: (i) a integração e a importância das vias de acesso; e (ii) a configuração das interfaces com o Açude Velho. No caso das áreas com mais vitalidade, as vias do setor norte são as que apresentam maior integração com a cidade e, por sua vez, um maior fluxo dentre as que permitem acesso a área de estudo; diferentemente do setor sul que é composto, principalmente, por vias locais menos integradas com a cidade. Quanto às interfaces, verificou-se que os setores norte e oeste (dos quais o MAPP e o Quiosques (parque da criança) fazem parte) possuem uma melhor relação visual com o Açude do que as demais áreas, propiciando ao espaço a possibilidade dos olhos para rua (JACOBS, 2013), transmitindo aos usuários uma sensação de maior segurança, ponto que será discutido no próximo capítulo através das percepções dos usuários.

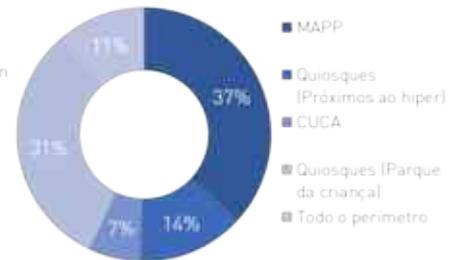
Juntamente com as áreas mais frequentadas do Açude Velho, 31% dos usuários frequentam o local com amigos; 29,1% com familiares; 20,8% acompanhados de cônjuge ou namorado(a) (Gráfico 14). Pode-se observar que as pessoas têm a preferência de ir ao Açude acompanhadas principalmente para a prática de atividades (Gráfico 15), como o lazer (36,3%), a caminhada (31,4%) e as atividades físicas em geral (24,5%). Observou-se que muitas vezes as pessoas costumam utilizar as áreas do MAPP ou dos quiosques (parque da criança) como pontos de encontro para socialização,

como também para o início da prática das atividades. É importante perceber que a disponibilidade de serviços, bem como as interfaces do entorno podem gerar percepções e apropriações distintas.

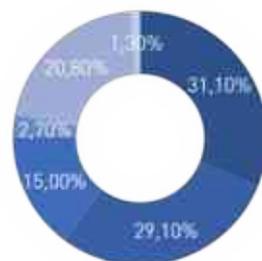
12. COMO UTILIZA O AÇUDE VELHO ?



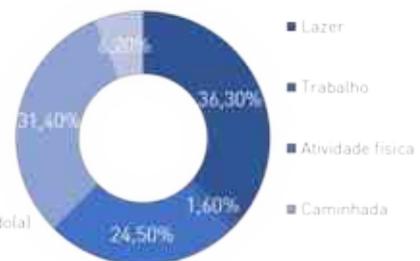
13. ÁREAS DO AÇUDE VELHO QUE COSTUMA FREQUENTAR?



14. FREQUENTA O AÇUDE VELHO ACOMPANHADO ?



15. QUAIS ATIVIDADES COSTUMA REALIZAR?



### 5.3. As perspectivas sobre o Açuê Velho

Ao realizar a aplicação dos questionários foi perguntado aos participantes sobre os aspectos positivos e negativos que os mesmos identificavam no local. Elencamos, por meio de palavras-chave a frequência das palavras sendo as quantidades repetidas proporcionais ao tamanho da fonte.

No que diz respeito aos aspectos positivos (Figura 16), foi mencionado por diversas vezes a importância e a beleza existente na paisagem do Açude Velho, algo que é tão valorizado, exposto e vendido como cartão postal, tanto na cidade quanto para fora do estado. Seguindo da paisagem, o termo “localização” foi o segundo mais citado, devido à facilidade de acesso ao corpo d’água e a sua centralidade na cidade, além da presença das principais vias que interligam o centro aos demais bairros. Além desses dois termos, outros aspectos também repetidos e anunciados pelos participantes foram: a presença de um espaço para a prática de atividades no centro da cidade; o clima agradável e a ventilação natural; a diversidade, movimento e encontro de pessoas. Tais aspectos demonstram que o Açude Velho tem a capacidade de atrair e propiciar experiências aos usuários que o frequentam.

Sobre os aspectos negativos relacionados ao Açude Velho (Figura 17), houve poucos termos distintos, ou seja, poucos termos foram muitas vezes repetidos pelos participantes, como por exemplo: a insegurança principalmente próximo ao CUCA, pois poucas pessoas permanecem no

local; a poluição e o odor provindo do corpo d'água que recebe as águas cinzas e negras das edificações; a pouca iluminação existente no entorno, principalmente na via ao lado do Parque da Criança; a violência por meio de furtos. Dentre os aspectos mencionados pelos usuários, um deles chama bastante a atenção, de modo a complementar a relação da morfologia urbana e a apropriação, o termo “só um dos lados possui vida”, refletindo, por meio da percepção das pessoas, que as áreas do MAPP e do Quiosque (parque da criança) apresentam mais vitalidade urbana que as demais no perímetro. Outra frase também mencionada destaca o problema existente sob a pouca diversidade de uso e relação das interfaces público/privado: “Bobs ao Hiper, perigoso”. Desta forma, a integração da via, juntamente com os demais aspectos morfológicos, pode transmitir sensações e situações concretas negativas a um lugar.

Outros aspectos negativos também foram mencionados, todavia, menos recorrentes como: a especulação imobiliária; ausência de guarda corpo protegendo contra quedas no Açude Velho; sujeira e ausência de espaços recreativos. Esses, por sua vez, caso sejam solucionados, podem aprimorar ainda mais a vitalidade urbana do Açude Velho, bem como evitar que apenas um dos “lados” da área tenha vida.



Figura 16: Aspectos Positivos citados pelos usuários sobre o Açu de Velho.  
 Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

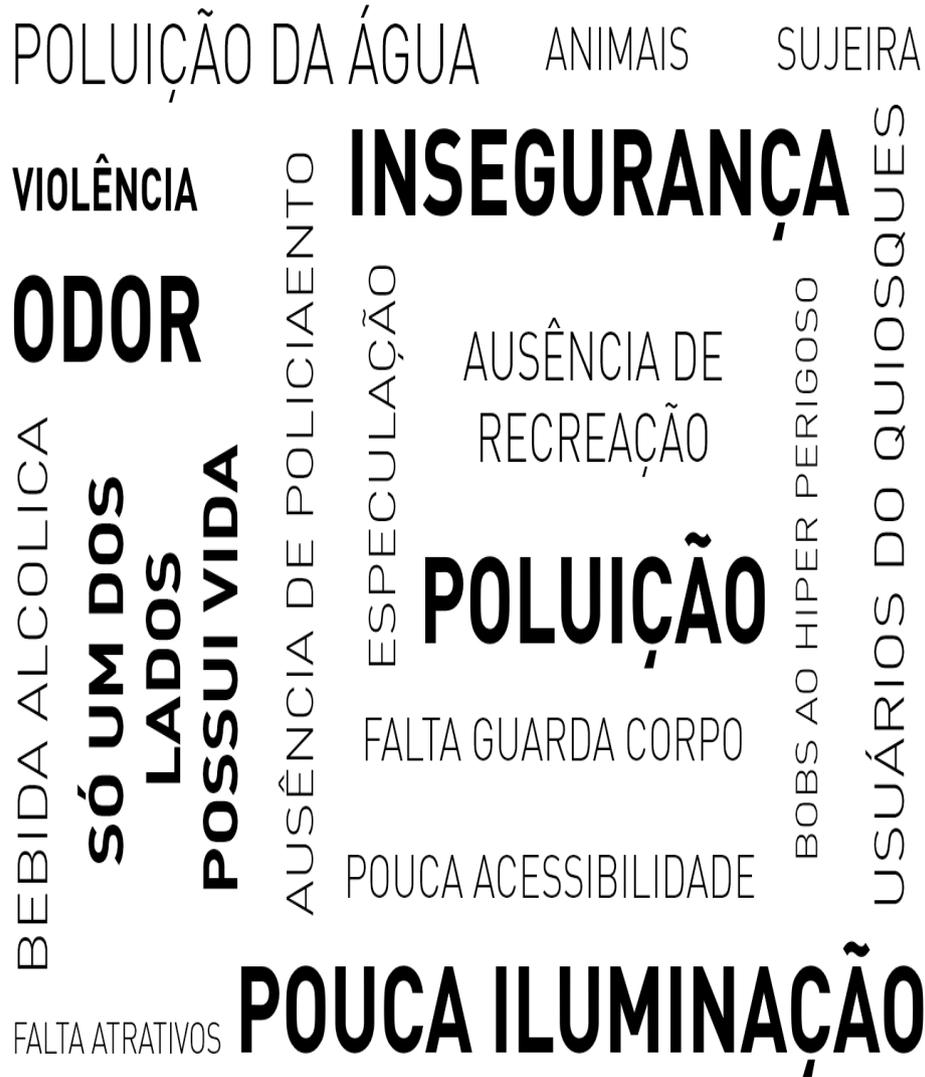


Figura 17: Aspectos negativos citados pelos usuários sobre o Açude Velho.  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ao observar as imagens que ilustram as edificações, os acessos e as perspectivas que os usuários constantemente tem contato é possível melhor compreender os aspectos positivos e negativos ditos anteriormente. Na área do Açude Velho existem algumas edificações já consolidadas como o MAPP, Museu Digital, Monumentos, CUCA, Associação Campinense de Imprensa e duas áreas para Quiosques. A edificação do MAPP (Figura 17) é mais atual se comparada às do CUCA e dos Quiosques. Essa edificação tem horários de funcionamento e áreas comuns de acesso para as pessoas, além de bancos, áreas sombreadas e oferece uma bela vista do Açude no seu interior. Esses atributos contribuem para que essa edificação, juntamente com a configuração morfológica, tornem a experiência dos usuários positiva. No caso dos quiosques, ambos possuem as mesmas características construtivas e de espacialização, o que, nesse caso específico altera a relação de vitalidade urbana é definitivamente a morfologia urbana e sua composição, a exemplo das tipologias de usos nos lotes lindeiros, a integração com as demais vias do recorte em estudo e a diferenciação de fluxos seja de pedestres ou veículos. Já o CUCA não está em funcionamento e está degradado, tanto externa quanto interiormente, o que torna a edificação ausente de atrativos e propícia à marginalização, algo que já acontece com a mesma. Em visita de campo percebeu-se que nesse local os usuários apenas o utilizavam enquanto área de passagem e não para permanência.



1 - MAPP 2 - QUIOSQUES 3 - CUCA 4 - QUIOSQUES 2

Figura 18: Edificações no perímetro do Açude Velho, MAPP, CUCA e Quiosques  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Partindo para a análise dos acessos ao Açude Velho (Figura 18), a principal diferença se faz devido à topografia das ruas do setor norte sentido MAPP, a qual possui as maiores cotas, possibilitando uma acessibilidade visual e física melhores que nos demais setores. No setor leste do Açude, onde há o Quiosque 1 (parque da criança), a topografia está ao mesmo nível do corpo d'água, sendo o fluxo de veículos o principal elemento que impossibilita a visibilidade e acesso ao Açude. No caso do setor oeste, na área do Quiosque 2 (hipermercado) a relação de acesso e visibilidade é ainda mais comprometida devido os acessos não estarem no mesmo nível topográfico e o constante tráfego de veículos já setor sul com presença do CUCA, os acessos estão abaixo da cota do Açude, impossibilitando a vista da paisagem do Açude Velho.

Os acessos são de suma importância para a atração de pessoas para o espaço livre público em geral, pois fomenta nos usuários a curiosidade de frequentar tanto para uso quanto apenas para conhecimento do local. Ou seja, quando os acessos físicos ou visuais são dificultados, esses, por sua vez, diminuem o contato entre as pessoas e os espaços. No caso do Açude apenas um dos setores propicia essa relação de curiosidade e atração por meio dos acessos. Sobre as perspectivas (Figura 19) que os usuários podem visualizar na área do Açude Velho, essas são únicas na cidade sob o contraste entre os condomínios verticais no setor norte e os baixos gabaritos do setor sul, com

uma maior presença de vegetação; o extenso espelho d'água do corpo d'água, a composição do calçadão em seu perímetro, juntamente com as palmeiras imperiais, propiciam aos usuários experiências e diversas perspectivas.



1 - NORTE 2 - OESTE 3 - SUL 4 - LESTE

Figura 19: Acessos ao Açude Velho por tipologias de ruas  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).



Figura 20: Perspectivas no Açude Velho e seus contratos  
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com base no atual momento em que a população vivencia acerca da pandemia causada pelo Covid-19, em que as dinâmicas sociais têm sido modificadas devido ao isolamento social, surgiu um questionamento se a apropriação por parte dos usuários no espaço livre público tem sido a mesmas que anteriormente e se o público tem observado mudanças na paisagem no que diz respeito a quantidade de pessoas e do movimento natural delas.

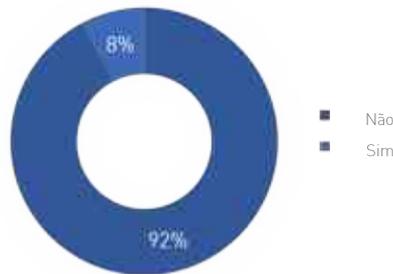
Quatro perguntas foram feitas aos participantes sobre a frequência de ida ao Açude Velho. 92% responderam não ter continuado e apenas 8% continuam normalmente, seja a trabalho ou atividades de interesse próprio (Gráfico 16). 80% disseram ainda que não estavam indo devido ao Covid -19 e 20% por outros motivos (Gráfico 17).

O fato da maioria dos entrevistados não estarem frequentando o espaço faz com que o mesmo, nesse período, tenha menos vitalidade urbana que em um período normal, o que se torna natural diante as circunstâncias. Todavia, é importante saber se os mesmos hábitos anteriores estavam sendo praticados nesse atual momento, como encontros sociais, atividades físicas ou de trabalho. 82% dos respondentes não têm mantido as mesmas rotinas e 18% deles continua com suas atividades (Gráfico 18).

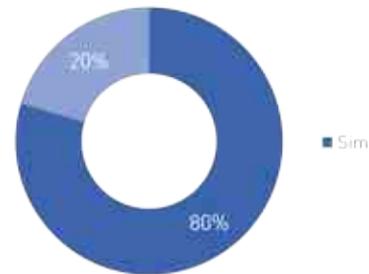
Sobre a observação de mudanças na paisagem do Açude Velho, embora a maioria esteja sem frequentar o local, pode mesmo assim

responder por passar pelo local ou por notícias em jornais que noticiaram e continuam noticiando como está o uso do Açude Velho atualmente. Sobre isso, 26% dos respondentes disseram observar mudanças na paisagem com menos pessoas e automóveis, 15,8% não observaram mudanças e 58,2% não souberam informar pois não tiveram mais acesso ao espaço nem informação sobre o mesmo.

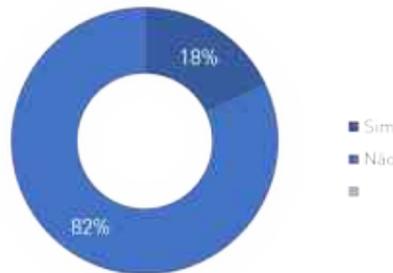
16. VOCÊ TEM FREQUENTADO ESTE ESPAÇO?



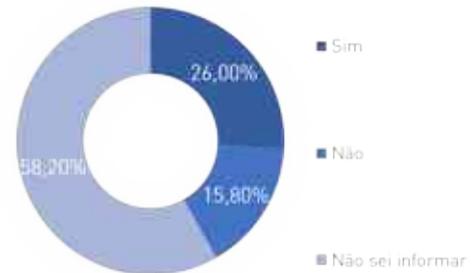
17. DEIXOU DE FREQUENTAR DEVIDO AO COVID-19 ?



18. SE DEIXOU, TEM MANTIDO OS MESMO HÁBITOS?



19. OBSERVOU MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM EM RELAÇÃO A PESSOAS E ATIVIDADES ?



**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**6**

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho surgiu a partir de inquietações fomentadas durante a graduação e, principalmente, durante a participação do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC), oferecido pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, buscando compreender a relação dos espaços livres públicos com a cidade em diversas formas. A apropriação do espaço livre público pela população e sua relação com a morfologia urbana pode ser visível a partir das análises e resultados obtidos nesse trabalho, revelando a importância do aproveitamento e cuidado que a cidade deve ter com seus espaços livres públicos, locais que devem proporcionar à população boas sensações, experiências e serem locais prazerosos.

O Açude Velho enquanto objeto de pesquisa apresenta diversos valores relacionados à cidade de Campina Grande, desde sua formação até os dias atuais. Como observamos, a sua inserção possui diversos aspectos positivos que propiciam uma ótima vitalidade urbana no local, sendo uma centralidade urbana. Embora o estudo demonstre que há uma boa relação entre a morfologia urbana e o Açude, apenas dois setores em seu perímetro têm sido mais assistidos e apropriados como de fato deveria ser, a área do MAPP e do

Quiosque (hipermercado). Para que todo o perímetro do Açude tenha uma uniformidade positiva de seu uso, deve-se analisar a possibilidade do aprimoramento das áreas com menos vitalidade urbana por meio de ações como: melhoria das interfaces das edificações; requalificação do CUCA e das edificações adjacentes; bem como a implantação de equipamentos para as diversas faixas etárias que, como vimos, possui mais benefícios para o público adulto diferentemente para o de crianças e idosos.

É importante destacar que a área em que o Açude Velho está situado atualmente passa por um processo de verticalização, com edificações do tipo residencial de alto padrão, o que pode comprometer a vitalidade urbana atual na qual há ainda uma população usuária diversificada, de modo que se tenha futuramente um padrão ainda mais homogêneo de usuários no espaço, torna-se indispensável pensar os pontos positivos e negativos que possam alterar as percepções do Açude Velho com base nesse aumento de empreendimentos ao seu redor. Por conter diversos usos ao longo do seu perímetro e alto fluxo de veículos/pedestres, esta área, se comparada a outros espaços livres da cidade, torna-se diferenciada, o que de certo modo pode fazer com que o Açude Velho possa ser um exemplo bem sucedido a ser seguido para o planejamento das demais áreas na cidade.

No decorrer da elaboração do trabalho, observou-se a necessidade da busca por mais dados aprofundados *in loco*, assim como o contato direto com

os usuários do Açude Velho, de forma que obtivéssemos um maior suporte e detalhamento da relação entre usuários e o espaço, como por exemplo a contagem de pessoas que utilizam o local; de onde essas pessoas vem e de que bairros elas pertencem; as atividades desempenhadas por elas demarcadas em mapas de vestígios e comportamentos; a relação entre os acessos por setores; a análise da visão serial de todas as vias que dão acesso ao corpo d'água, vale salientar que a metodologia utilizada tanto neste trabalho quanto em pesquisas passadas que deram suporte a este, vêm sendo aplicadas também em outros espaços da cidade como por exemplo o Açude de Bodocongó, de modo que se possa trazer contribuições aos processos de planejamento da cidade e seu desenho urbano. Tais inquietações podem servir como sugestões para pesquisas futuras.

Por fim, é de grande relevância que a população em geral se aproprie dos espaços de forma que a área como um todo possa atrair mais pessoas para seu uso, bem como haja uma maior diversidade social, econômica e racial no local, como forma de evitar uma segregação no espaço livre público e um uso contínuo, tanto nos dias da semana quanto nos mais diversos horários do dia. Isso porque quanto mais pessoas vivenciarem e utilizarem os espaços públicos, mais democrática, segura e viva será suas áreas urbanas.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**7**

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS FILHO, M. et al. Tecidos urbanos e sistemas de espaços livres em Campina Grande (PB): uma descrição da qualidade da sua forma urbana. In: VII Colóquio da Pesquisa QUAPÁ-SEL, 2012, Campo Grande.
- BARROS FILHO, M. et al. Lacunaridade dos Espaços Livres Públicos: O Caso de Campina Grande, PB. In: X Colóquio QuapáSEL, 2015, Brasília - DF.
- SILVA, Heitor de Andrade; BARROS FILHO, Mauro de N. M. **Morfologia urbana e espaços livres (públicos e privados) de Campina Grande (PB)**. In: COLÓQUIO QUAPÁ-SEL, 2014, Vitória. IX Colóquio QUAPÁ-SEL, 2014.
- CARVALHO, L. E. P. **Os Descaminhos das Águas no Recife: a sacionatureza dos rios urbanos**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Recife, 2011.
- COY, M. **A interação rio-cidade e a revitalização urbana: experiências europeias e perspectivas para a América Latina**. Revista Franco-Brasileira de Geografia –COFINS, n. 18, 2013.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- SILVA, Heitor de Andrade; BARROS FILHO, Mauro de N. M. **Morfologia urbana e espaços livres (públicos e privados) de Campina Grande (PB)**. In: COLÓQUIO QUAPÁ-SEL, 2014, Vitória. IX Colóquio QUAPÁ-SEL, 2014.
- FERREIRA, Y. V. B; BARROS FILHO, M. N. M; **Áreas Urbanas em Beira d'água: análise de integração do Açude Velho com a cidade de Campina Grande, PB**. Campina Grande, 2019.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Tradução Anita Di Marco, 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GORSKI, M. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. São Paulo: Senac, 2010.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. Gehl University Press, 1984.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAMAS, José. **Morfologia e Desenho da cidade**. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

LACERDA JÚNIOR, Jônatas Araújo de; LIRA, Agostinho Nunes da Costa. **Retratos de Campina Grande: Um Século em Imagens Urbanas**. Campina Grande: Edufcg, 2012.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARICATO, E. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. In: **A Cidade do Pensamento Único**. Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2000, p.121-192.

MELLO, S. S. **Na Beira do Rio tem uma Cidade: urbanidade e valorização dos corpos d'água**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação. Brasília, 2008.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. 1. ed. Brasília: UNB, 2006.

QUEIROZ, M. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

SABOYA, R. **Sintaxe Espacial**. 2007.

SABOYA, R; VARGAS, J; Tipos arquitetônicos e vitalidade urbana: um estudo sobre as possíveis relações entre a arquitetura e o uso dos espaços públicos. ENANPARQ, Natal, 2012.

SABOYA, R. Fatores morfológicos da vitalidade urbana– Parte 1: Densidade de usos e pessoas / Renato T. de Saboya" 18 Novembro 2016. ArchDaily Brasil. Acessado 1 Mai 2020.

SANDER, R. C; FERREIRA, Y. V. B; CARVALO, S. S; BARROS FILHOS, M. N. M; Áreas Urbanas em Beira D'água: Análise de Integração dos Açudes Velho e de Bodocongó com a Cidade de Campina Grande, PB. Anais ANPUR, ISSN: 1984-8781

SANTOS, R; A; Dos. O novo Açude Velho: A produção de empreendimentos habitacionais multifamiliares no centro de Campina Grande - PB (1990 - 2017). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SOUZA, J. C. *et al.* Análise da Paisagem: instrumento de intervenção nos espaços livres da Lagoa da Conceição – Florianópolis. 2003. 103 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. In: RIBEIRO FILHO, V.; ALVES, L.A (Orgs.). Reflexões Geográficas: diferentes leituras sobre o urbano. Uberlândia: Edibrás, 2012.

SILVA, K; V; N; DA. A urbanidade do Parque Evaldo Cruz à luz da intervisibilidade. Monografia (Graduação). Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

## APÊNDICE

Açude Velho: Uma análise morfológica e comportamental na paisagem urbana em Campina Grande, PB.

O objetivo desta pesquisa é analisar aspectos do desenho urbano e compreender sua relação com os comportamentos dos usuários do Açude Velho. Ele possui caráter estritamente acadêmico e seus dados serão analisados em termos globais. Solicitamos sua contribuição para responde esse questionário, ele faz parte da metodologia e coleta de informações para finalização do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Campina Grande. Agradeço sua contribuição.

Yuri Brandão

Graduando em Arquitetura e Urbanismo – UFCG – 10º Período.

Perfil de Usuário

1. Gênero:

Feminino

Masculino

Prefino não dizer

2. Idade:

Até 19 anos

De 20 até 59 anos

De 60 anos em diante

3. Renda:

Baixa  
Média  
Alta

4. Nível de escolaridade

Ensino Fundamental (Incompleto)  
Ensino Fundamental (Completo)  
Ensino Médio (Incompleto)  
Ensino Médio (Completo)  
Graduação (Incompleto)  
Graduação (Completo)  
Pós Graduação (Incompleto)  
Pós Graduação (Completo)

5. Raça:

Branco  
Preto  
Pardo  
Amarelo  
Indígena  
Outra

## Comportamentos no Açude Velho

Leia as perguntas abaixo com atenção e selecione conforme a sua relação com o objeto em estudo. Todas as respostas são de suma importância para o sucesso dessa pesquisa. Lembre-se que não há resposta errada desde que corresponda com a sua realidade enquanto usuário do Açude Velho.

6. Já frequentou o Açude Velho?

Sim

Não

7. Se sim, com qual frequência você o utiliza?

Diariamente

Semanalmente

Mensalmente

Anualmente

8. Caso frequente diariamente ou semanalmente, quais os dias da semana?

Domingo

Segunda-Feira

Terça-Feira

Quarta-Feira

Quinta-Feira

Sexta-Feira

9. Qual turno costuma frequentar?

Manhã

Tarde

Noite

10. Como utiliza o Açude?

Local de Passagem

Local de Permanência

Local de Passagem e Permanência

11. Qual horário costuma frequentar?

05:00 - 07:00 horas

07:00 - 09:00 horas

09:00 - 11:00 horas

11:00 - 13:00 horas

13:00 - 15:00 horas

15:00 - 17:00 horas

17:00 - 19:00 horas

19:00 - 21:00 horas

12. Quais áreas do Açude Velho você costuma frequentar?

MAPP (Museu dos três pandeiros)

Quiosques (Próximos ao hipermercado)

CUCA (Em frente ao Bobs)

Quiosques (Próximos ao parque da criança)

Outro:

13. Costuma frequentar o açude acompanhado?

Amigos

Familiares

Sozinho  
Acompanhante  
Cônjuge / Namorado (a)  
Outros

14. Qual tipo de atividade costuma realizar?

Lazer  
Trabalho  
Atividade Física  
Caminhada  
Outro:

Perspectivas do Açude Velho

15. O que mais lhe interessa no Açude Velho?

Paisagem  
Localização  
Comércios e Serviços  
Áreas livres para a prática de atividades e de convivência  
Acessibilidade ao local  
Conforto Ambiental (Áreas sombreadas e ventilação natural)  
Segurança  
Outro

16. Aspecto(s) positivo(s) que considera no Açude Velho?

17. Aspecto(s) negativo(s) que considera no Açude Velho?

Em relação à atual pandemia do COVID-19 e os Espaços Livres Públicos durante o isolamento social.

18. Você tem frequentado este espaço?

Sim

Não

19. Se não, você deixou de frequentar devido ao COVID-19?

Sim

Não

20. Se sim, tem mantido os mesmos hábitos respondidos nas seções anteriores?

Sim

Não

21. Tem observado modificações na paisagem, no que diz respeito a quantidade de pessoas e as atividades desenvolvidas?

Sim

Não

Não sei informar